



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**STEFFANY ALMEIDA DA SILVA  
YASMIN ALLANA LIRA RÊGO**

**O ADOECIMENTO DISCENTE FRENTE ÀS DEMANDAS DA GRADUAÇÃO: uma  
realidade do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas**

Maceió  
2021

STEFFANY ALMEIDA DA SILVA  
YASMIN ALLANA LIRA RÊGO

**O ADOECIMENTO DISCENTE FRENTE ÀS DEMANDAS DA GRADUAÇÃO:** uma  
realidade do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em  
Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas como  
requisito parcial para obtenção do grau de Graduado  
em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Givanildo da Silva

Maceió  
2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecário: Roselito de Oliveira Santos / CRB 1633

S586a Silva, Steffany Almeida da.

O adoecimento discente frente às demandas da graduação: uma realidade do curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas / Steffany Almeida da Silva; Yasmim Allana Lyra Rêgo . – 2021.

76 f. : il.

Orientador: Givanildo da Silva.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 65-68.

1. Adoecimento discente 2. Mal-estar psíquico-graduação  
3. Pedagogia-UFAL. 4. Comprometimento da saúde na graduação.  
I. Rêgo, Yasmim Allana Lyra II. Título.

CDU: 37:159.9

**STEFFANY ALMEIDA DA SILVA  
YASMIN ALLANA LIRA RÊGO**

**O ADOECIMENTO DISCENTE FRENTE ÀS DEMANDAS DA GRADUAÇÃO:  
UMA REALIDADE DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 26/02/2021.**

**Orientador: Prof. Dr. Givanildo da Silva (CEDU/UFAL)**

**Comissão Examinadora**

*Givanildo da Silva*

Prof. Dr. Givanildo da Silva (CEDU/UFAL)

*Débora Cristina Massetto*

---

Profa. Dra. Débora Cristina Massetto (CEDU/UFAL)

*Inalda Maria dos Santos*

---

Profa. Dra. Inalda Maria dos Santos (CEDU/UFAL)

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, pelos momentos de provações, felicidades, por colocar pessoas maravilhosas em nossas vidas e por nos dar oportunidades de viver experiências incríveis;

Ao Professor Doutor Silvio Ancisar Sanchez Gamboa, professor da disciplina de Pesquisa Educacional, por contribuir para o início da construção do Projeto de Pesquisa e por incentivar a escrita acerca da temática do adoecimento discente;

À Professora Doutora Silvana Paulina de Souza, coordenadora do Curso de Pedagogia, por indicar o orientador Givanildo da Silva para auxiliar na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso;

Ao Professor Doutor Givanildo da Silva, nosso orientador, por se fazer presente em todas as etapas da pesquisa, incentivar e apoiar a proposta do nosso trabalho, contribuindo de forma significativa para a discussão da temática;

Às Professoras Doutoras Débora Cristina Massetto e Inalda Maria dos Santos, pela disponibilidade em avaliar e contribuir com a proposta da pesquisa na composição da banca avaliadora;

Aos nossos colegas de turma, por incentivar a escrita do trabalho referente ao adoecimento discente;

Aos estudantes do Curso de pedagogia Júlio e Hélder, que fazem parte do Centro Acadêmico de Pedagogia Paulo Freire (CAPED) por colaborar no processo de divulgação do questionário on-line ao divulgar tanto em grupos, quanto na página do Instagram do CAPED;

À representante da nossa turma Rosaline, por nos ajudar a contatar os representantes das turmas que eram foco da pesquisa e divulgar nos grupos do qual faz parte;

Aos representantes das turmas do 5º ao 9º período do curso de Pedagogia, por contribuírem na divulgação do questionário ao disponibilizarem o e-mail das turmas e divulgarem nos grupos;

Aos estudantes do curso de Pedagogia, por colaborarem na divulgação e nas respostas do questionário, fornecendo dados imprescindíveis para a pesquisa;

À nossa amiga Catarina, por nos apoiar em diversos sentidos, desde a amizade no dia-a-dia até o processo de construção do trabalho;

À Elisane e Vitória, amigas do curso, que contribuíram na divulgação da pesquisa, para encontrar representantes e pela amizade e presença constante;

Ao Leonardo, pelo apoio emocional em todas as etapas da construção desse trabalho, assim como durante nossa trajetória;

Aos nossos familiares e amigos, por apoiarem incondicionalmente nossa trajetória acadêmica e por não nos deixar desistir nos momentos de dificuldade.

Nem sempre podemos enxergar o que os outros não querem que a gente veja. Principalmente quando se esforçam tanto para esconder (NIVEN, 2015, p. 194).

## RESUMO

O presente estudo teve como objeto de pesquisa o adoecimento discente frente às demandas advindas da graduação em Pedagogia, ofertada pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, tendo em vista que há poucas discussões acerca do adoecimento discente nas pesquisas acadêmicas. A problemática da pesquisa teve a seguinte questão: quais as demandas advindas da graduação em Pedagogia, CEDU/UFAL, e como elas podem interferir no adoecimento discente? O objetivo principal da pesquisa foi analisar as demandas advindas da graduação em Pedagogia e como elas podem interferir no adoecimento discente. Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: investigar os fatores sociais que influenciam no processo de adoecimento dos estudantes do curso de Pedagogia da UFAL; descrever as exigências oriundas da graduação em Pedagogia e como elas contribuem para o adoecimento discente; refletir sobre a relação docentes e discentes e sua influência no contexto do adoecimento dos graduandos de Pedagogia da UFAL; e, por fim, perceber a relação existente entre mercado de trabalho e as expectativas dos estudantes no contexto de sua formação e a sua influência no quadro de adoecimento dos graduandos de Pedagogia da UFAL. A metodologia utilizada foi por meio de uma abordagem qualitativa, e a técnica de pesquisa o estudo de caso. A coleta de dados foi realizada através de um questionário on-line com os estudantes do curso de Pedagogia do 5º ao 9º período. Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, na perspectiva de Bardin. Os principais resultados do estudo apresentam que há indícios de adoecimento discente no *lôcus* da pesquisa, fator causado e agravado pela articulação de diversos fatores, mas principalmente de elementos do contexto acadêmico, sendo relevante destacar que as discussões sobre o assunto, no âmbito do Centro de Educação, ainda não são suficientes, se fazendo necessário pensar em ações e propostas que contribuam na melhora da qualidade da vida acadêmica dos graduandos em Pedagogia da UFAL.

**Palavras-chave:** Adoecimento discente, Graduação, Centro de Educação, UFAL.

## } ABSTRACT

The present study had as object of research the student's illness in face of the demands from the graduation course in Pedagogy, offered by the Education Center of the Federal University of Alagoas (Universidade Federal de Alagoas), considering that there are only a few discussions about student illness in academic research. The research problem has the following question: what are the demands arising from the undergraduate course in Pedagogy, CEDU/UFAL, and how they can interfere in student illness? The main objective of the research was to analyze the demands arising undergraduate education in Pedagogy and how they can interfere with student illness. To achieve the general objective, the following specific objectives were established: to investigate the social factors that influence the illness process of undergraduate students from Pedagogy of UFAL; to describe the requirements arising from the undergraduate course in Pedagogy and how they contribute to student illness; to reflect on the relationship between teachers and students and their influence in the context of illness of undergraduate students of Pedagogy at UFAL; and finally, to understand the relationship between the labor market and the expectations of students in the context of their education and their influence on the illness of undergraduate students from Pedagogy of UFAL. The methodology used was through a qualitative approach, and the research technique was the case study. Data collection was performed using an online questionnaire with students of the Pedagogy course from the 5th to the 9th semester. The data was analyzed through Content Analysis, from Bardin's perspective. The main results of the study present that there are signs of student illness in the research locus, a factor caused and aggravated by the articulation of several factors, but mainly elements of the academic context, and it is relevant to highlight that the discussions on the subject, within the scope of the Education, are still not enough, making it necessary to think about actions and proposals that contribute to improving the quality of academic life of undergraduate students in Pedagogy of UFAL.

**Keywords:** Student illness, Graduation, Education Center, UFAL.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Período do curso em que os participantes se encontram matriculados .....	37
<b>Gráfico 2</b> - Turno de estudo dos participantes da pesquisa .....	37
<b>Gráfico 3</b> - Classe social em que os participantes da pesquisa estão inseridos .....	38
<b>Gráfico 4</b> - Apresentação de algum quadro de adoecimento durante a graduação.....	39
<b>Gráfico 5</b> - Relação entre o quadro de adoecimento e as demandas da graduação .....	41
<b>Gráfico 6</b> - Conhecimento ou participação em relação à ação ou serviço ofertado pela universidade em relação à saúde .....	42
<b>Gráfico 7</b> - Maior dificuldade enfrentada na graduação durante período de adoecimento .....	43
<b>Gráfico 8</b> - Influência do quadro de adoecimento no fluxo (padrão ou individual) do curso .....	44
<b>Gráfico 9</b> - Influência do mercado de trabalho no desempenho acadêmico.....	45

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Transtornos, doenças ou síndromes apresentadas.....	40
<b>Quadro 2</b> - Principais fatores/motivos que podem causar o adoecimento discente .....	47
<b>Quadro 3</b> - Vivências que causaram ou poderiam causar o adoecimento discente.....	55

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AF</b>	Atividade Física
<b>ANDIFES</b>	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
<b>BPG</b>	Bolsa Pró-Graduando
<b>CAPED</b>	Centro Acadêmico de Pedagogia
<b>CEDU</b>	Centro de Educação
<b>CEP/UF</b>	Comitê de Ética em Pesquisa/Universidade Federal de Alagoas
<b>COVID-19</b>	Coronavirus Disease 19
<b>CQVT</b>	Coordenação de Qualidade de Vida no Trabalho
<b>CVV</b>	Centro de Valorização da Vida
<b>EAD</b>	Educação a Distância
<b>FIES</b>	Fundo de Financiamento Estudantil
<b>FONAPRACE</b>	Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
<b>GZH</b>	GaúchaZH
<b>IEFES</b>	Institutos Federais de Ensino Superior
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
<b>PBP</b>	Programa Bolsa Permanência
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
<b>PROEST</b>	Pró-reitoria Estudantil
<b>PROGEP</b>	Pró-reitoria de Gestão de Pessoas e do Trabalho
<b>PROUNI</b>	Programa Universidade para Todos
<b>QVA</b>	Qualidade de Vida Acadêmica
<b>REUNI</b>	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
<b>RP</b>	Residência Pedagógica
<b>SIASS</b>	Unidade Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor
<b>SPA</b>	Serviço de Psicologia Aplicada
<b>TAG</b>	Transtorno de Ansiedade Generalizada
<b>TMC</b>	Transtornos Mentais Comuns
<b>TOC</b>	Transtorno Obsessivo Compulsivo
<b>UAB</b>	Iniciativa Universidade Aberta do Brasil
<b>UFAL</b>	Universidade Federal de Alagoas
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO E AS DEMANDAS ACADÊMICAS</b> .....	16
2.1 As exigências da graduação e a rotina acadêmica .....	17
2.2 Os desafios do espaço universitário .....	19
<b>3 O ADOECIMENTO DISCENTE FRENTE ÀS DEMANDAS DA GRADUAÇÃO</b> .....	25
3.1 Características do adoecimento discente .....	26
3.2 A relação professor-aluno na graduação .....	29
<b>4 AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O ADOECIMENTO DISCENTE</b> .....	36
4.1 Caracterização dos participantes .....	36
4.2 O adoecimento na graduação .....	39
4.3 Relação entre mercado de trabalho e adoecimento .....	45
4.4 Fatores do adoecimento discente: as vozes dos participantes .....	46
4.5 Vivências que levam ao adoecimento discente .....	54
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
<b>APÊNDICE</b> .....	69
<b>ANEXO</b> .....	72

## 1 INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta os resultados de uma pesquisa sobre as causas e os efeitos do adoecimento discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus A.C. Simões (Maceió), salientando que essa temática é pouco discutida pela comunidade acadêmica no âmbito da referida universidade. O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética da UFAL (CEP/UFAL), recebendo a aprovação necessária para dar andamento aos estudos e trabalhos de pesquisa.

O curso de Pedagogia da UFAL, ofertado pelo Centro de Educação (CEDU), tem uma grade acadêmica ampliada, que contempla os mais variados aspectos do aprendizado em múltiplos contextos. Porém, apesar da presença de disciplinas de cunho psicossocial, ainda não se tem uma cultura de diálogo que discuta ou possibilite a oportunidade de debate e rodas de conversa sobre o adoecimento discente, objeto da pesquisa, e as formas de preservação da saúde no espaço universitário.

O contexto socioeconômico em que as universidades brasileiras estão inseridas está permeado por uma série de dificuldades que acabam por tornar o ambiente universitário, por vezes, hostil para seus estudantes. O encorajamento à iniciativa privada e à alta competitividade no mercado de trabalho acabam por provocar o surgimento do adoecimento na categoria trabalhista.

Na busca de uma possível fuga dessa condição, muitas pessoas encontram um caminho para a ascensão econômica e social através do ingresso na universidade e da obtenção de *status* advindo do diploma acadêmico, porém deparam-se com a realidade complexa desse contexto. Em sua grande parte, a falta de estrutura física, condições financeiras para se manter na universidade e a relação com os profissionais, comprometem o aprendizado do aluno, o que acaba por causar angústias e tensões que podem interferir na sua saúde.

A temática do adoecimento discente é um assunto que requer mais atenção por parte das pesquisas acadêmicas e pela própria academia, tendo em vista o avanço de casos registrados em reportagens (como Agência Brasil e GaúchaZH - GZH), nas pesquisas realizadas pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) e algumas pesquisas científicas, como os estudos de Anversa *et al.* (2018), Cachoeira *et al.* (2016), Fernandes *et al.* (2018), Gomes *et al.* (2017), Guimarães (2014), Latorre (2018), Leal *et al.* (2019), Pontes (2018), Ribeiro (2018), Santos (2018), Silva e Neto (2014), Silva e Heleno (2012), Sonnenhol e Comiotto (2019), Ventura (2018) e Venturini (2016).

A Agência Brasil (2018), ao discutir sobre as dificuldades emocionais vividas pelos estudantes universitários apresenta dados que atestam a presença de sintomas do adoecimento discente, como por exemplo o desânimo, solidão, ansiedade, falta de esperança, insônia, desatenção, tristeza permanente, confusão mental, entre outras situações. Além disso, é relatada a presença de pensamentos suicidas, causando, em algumas situações, a morte de alunos. Como causas do adoecimento ou agravamento dele, são citadas as exigências do contexto universitário, prazos, desempenho, mudança de local, ingresso no curso, postura do docente frente ao adoecimento em articulação à problemas do contexto pessoal do aluno, esses elementos foram observados por meio de entrevistas realizadas com uma estudante e funcionários da instituição/campo de pesquisa.

A GZH (2019) realizou uma pesquisa acerca do adoecimento, tratando de casos de ansiedade e depressão, assim como de suicídio ou tentativas de suicídio sofridos por estudantes universitários. Foi identificado que todos os alunos entrevistados passaram, estavam passando ou conheciam alguém que vivenciou episódios depressivos, de ansiedade, de pânico ou pensamento suicida. É denunciado que a ampliação do acesso à universidade carregou consigo problemáticas referentes à falta de estrutura e recursos, que agem como facilitadores do surgimento do adoecimento, informação reunida a partir de entrevistas com professores e alunos. Além desse fator, a mudança de cidade, questões culturais, falta de perspectiva, demandas acadêmicas, estilo de vida, pressão, assédio, afastamento do seio familiar e problemas financeiros também foram apontados como facilitadores para surgimento ou agravamento do adoecimento discente.

Os dados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) dos Institutos Federais de Ensino Superior (IEFES) (2019), apresentam informações sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes, além de fornecer dados que permitem identificar indícios do adoecimento discente. Cerca de 32,4% da população-alvo da pesquisa encontravam-se em atendimento psicológico, nesse quadro 39,9% faziam/fizeram uso de medicamento psiquiátrico. Há indícios de automedicação sem que tenha ocorrido atendimento psicológico por parte de 1,1% e 3,8% já utilizaram, mas não estavam mais fazendo uso de medicamentos. Além disso, 83,5% dos estudantes apresentaram dificuldades emocionais, 6 a cada 10 são afetados por ansiedade, 10,8% pensaram sobre a ideia de morte e desses, 8,5% indicaram pensamento suicida. De acordo com a ANDIFES (2019, p. 79):

Os resultados captados pela V Pesquisa indicam que mais da metade (52,8%) dos (as) discentes das IFES já pensou em abandonar seu curso. E quando inquiridos sobre as razões, 32,8% apontam as dificuldades financeiras, 29,7% o nível de exigência acadêmico, 23,6% as dificuldades para conciliar os estudos e o trabalho, 21,2% os problemas de saúde, 19,5% as dificuldades do próprio campo profissional, 19,1% os

relacionamentos no curso, 18,8% a incompatibilidade com o curso escolhido, 18,4% a insatisfação com a qualidade do curso, 15,9% os problemas familiares e 4,7% assédio, bullying, perseguição, discriminação ou preconceito. Se a ideia de abandono foi aventada por percentual significativo de discentes, o ato de trancamento se reduz a menos de 15% do universo.

Os estudos da ANDIFES, assim como as pesquisas citadas, evidenciam que o adoecimento discente é um problema complexo e que não deve ser ignorado pela comunidade acadêmica. No entanto, em sua maioria, esta não é a realidade apresentada pelas universidades. De acordo com as pesquisas evidenciadas, as iniciativas de discussões sobre o assunto raramente são pautadas pela gestão acadêmica e pelos docentes. No caso da UFAL, a prevalência de iniciativas que encontramos partiram dos próprios estudantes (como por exemplo os cartazes motivadores que estimulam o autocuidado e autoestima), mas ainda se mostravam superficiais em relação à seriedade com a qual o tema deve ser discutido.

As iniciativas da UFAL<sup>1</sup> se evidenciaram no mês de setembro (2019), que é voltado para a conscientização e promoção da Saúde Mental e da Prevenção do Suicídio. A ação divulgada objetivou informar os serviços ofertados relativos ao atendimento psicológico da UFAL, que consistem em guia de atenção psicossocial, acolhimento psicológico, Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)<sup>2</sup> e da Unidade Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS)/Coordenação de Qualidade de Vida no Trabalho (CQVT)/Pró-reitoria de Gestão de Pessoas e do Trabalho (PROGEP)<sup>3</sup>, além de realizar a divulgação do número, site e horário de atendimento do Centro de Valorização da Vida (CVV).

Na conjuntura da quarentena (devido à pandemia e altos índices de contágio do coronavirus disease 19 - COVID-19), a UFAL voltou a realizar ações acerca da Saúde Mental<sup>4</sup> que consistiu na disponibilização de uma cartilha elaborada por psicólogos da instituição, contendo sugestões de atividades para serem realizadas em tempos de isolamento social que promovam bem-estar e ajudem a tornar o período mais leve. Além disso, foram disponibilizados e-mails que visam o atendimento dos estudantes nesse período por psicólogos da UFAL.

Em termos gerais, a divulgação desses serviços é baixa, muitas vezes, sendo realizadas apenas em situações sazonais, como o mês de prevenção ao suicídio (setembro amarelo) e poucas outras vezes durante o ano. Isso dificulta o acesso dos estudantes a esses serviços, que

---

<sup>1</sup> Informações obtidas na página oficial da UFAL, por meio da rede social do Instagram, publicação postadas no dia 10 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B2PJW3WF2YS/?igshid=15oycvmfqzak0>>.

<sup>2</sup> Realizado por meio de plantão e acompanhamento psicológico.

<sup>3</sup> Localizados no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HU).

<sup>4</sup> Publicação realizada no dia 11 de abril de 2020 através da página oficial da UFAL, na rede social do Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B-2zsZfFV3u/?igshid=1lojqtduv1ozi>>.

são importantes para a permanência do aluno na universidade e diminuição dos riscos de adoecimento discente na comunidade acadêmica.

É preciso destacar o trabalho realizado pelo projeto de extensão Qualidade de Vida Acadêmica - QVA<sup>5</sup>, que reúne estudantes de vários cursos na universidade e promove ações voltadas para estimular a busca de melhor qualidade de vida entre os acadêmicos da UFAL. Infelizmente, muitas dessas ações acabam ofuscadas por outras iniciativas da rede universitária de serviços, e a falta de conhecimento e divulgação da existência desse projeto acaba contribuindo para essa falta de atenção ao trabalho do Coletivo QVA.

Diante da possibilidade de novas iniciativas perante a problemática e ao verificar que há avanços no número de estudantes acometidos pelo adoecimento em contexto nacional, como exposto, carência de discussões sobre a temática do adoecimento discente, além da identificação a partir da observação não-estruturada<sup>6</sup> de que o número de trancamentos, desistências e afastamentos aumentam de frequência a cada semestre que se passa (de forma especial nos primeiros semestres do curso), provocou-se a curiosidade e desejo de entender quais os fatores que envolviam esse fenômeno. Assim, fazendo-se necessário o estudo sobre a temática e os aspectos que a rodeiam. A problemática da pesquisa teve a seguinte questão: quais as demandas advindas da graduação em Pedagogia, CEDU/UFAL, e como elas podem interferir no adoecimento discente?

O objetivo principal da pesquisa foi analisar as demandas advindas da graduação em Pedagogia e como elas podem interferir no adoecimento discente. Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: investigar os fatores sociais que influenciam no processo de adoecimento dos estudantes do curso de Pedagogia da UFAL; descrever as exigências oriundas da graduação em Pedagogia e como elas contribuem para o adoecimento discente; refletir sobre a relação docentes e discentes e sua influência no contexto do adoecimento dos graduandos de Pedagogia da UFAL; e, por fim, perceber a relação existente entre mercado de trabalho e as expectativas dos estudantes no contexto de sua formação e a sua influência no quadro de adoecimento dos graduandos de Pedagogia da UFAL.

A metodologia utilizada na pesquisa foi estruturada a partir da abordagem qualitativa, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “(...) considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.”. O método de pesquisa

---

<sup>5</sup> Link para acessar página do QVA no Instagram: <https://instagram.com/qvaoficial?igshid=gjmrqatj12wj>.

<sup>6</sup> Observação simples e espontânea, em que o pesquisador se configura como um espectador, geralmente aplicada a situações públicas sem estar presa a uma amostragem concreta.

adotado foi o estudo de caso, o qual trata-se de uma pesquisa em que seus procedimentos se direcionam a um caso específico, visando conhecer suas origens da forma mais abrangente possível (MENEZES *et al.*, 2019).

O instrumento utilizado para realizar a coleta de dados foi o questionário, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 108), “(...) é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente)”. Com a suspensão das atividades acadêmicas presenciais, advindo das medidas de isolamento social adotadas para contenção do COVID-19, realizamos alterações na metodologia da pesquisa de modo a adaptá-la para que pudesse ser concretizada, mesmo com o isolamento social. Foram utilizados recursos como o Google Forms para a elaboração do questionário on-line e optamos por não realizar a etapa da entrevista, respeitando os parâmetros do isolamento, além de considerar a inviabilidade da entrevista on-line pela pouca disponibilidade do público alvo da pesquisa em participar, por questões múltiplas que vão desde o acesso precário à internet, às demandas do dia a dia.

O questionário foi divulgado nas redes sociais do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), grupos de WhatsApp das turmas do 5º ao 9º período de Pedagogia do CEDU e e-mails das turmas. O objeto da pesquisa foi o adoecimento discente, tendo como participantes os estudantes de todos os turnos (matutino, vespertino e noturno) que se encontram matriculados no período letivo 2020.1, a partir do 5º período do curso de Pedagogia, ofertado pela UFAL no CEDU, do Campus A.C. Simões.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases. A primeira contemplou os estudos teóricos e buscou fontes acadêmicas sobre o tema, as quais serviram de subsídio para as análises realizadas ao longo do estudo. A segunda fase foi pautada na elaboração do instrumento de pesquisa (questionário) e na aplicação com os sujeitos da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada pela aplicação dos questionários, por meio das redes sociais, contemplando as turmas do 5º ao 9º período do Curso de Pedagogia, dos três turnos. O objetivo dessa etapa foi fazer um levantamento dos estudantes que apresentaram alguma experiência que demonstrasse sintomas de adoecimento discente. O recorte adotado em relação à aplicação dos questionários, a partir das turmas que marcam a metade do curso, se deu porque esses estudantes já vivenciaram experiências durante os dois primeiros anos do curso e suas respostas poderiam ser mais sistemáticas e apresentar um maior aprofundamento da temática.

Além disso, entendemos que os alunos que estão matriculados em turmas que passaram do período inicial do curso apresentam maior propriedade para expressar as experiências, sendo esses relatos significativos para perceber as características do processo de adoecimento discente. É importante ressaltar que a identidade dos participantes da pesquisa foi preservada,

assim como sua integridade, respeitando sua escolha de permanecer ou abandonar a participação, assim como a divulgação das informações concedidas.

A segunda fase da pesquisa consistiu na elaboração dos gráficos e quadros, com o intuito de mensurar os dados e apresentá-los de forma clara durante a análise realizada em etapa posterior. Por fim, a terceira fase foi concretizada com a análise dos dados obtidos na fase anterior, apoiada no subsídio coletado nos referenciais teóricos e principalmente a partir do método da Análise de Conteúdo, definida por Bardin (1977, p. 19) como “(...) uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Para a exposição dos dados, foram utilizados o suporte de recursos como quadros, gráficos e os depoimentos dos participantes, tendo como produto final o relatório da pesquisa com os principais resultados do estudo.

O relatório da pesquisa está dividido em três partes que se complementam, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo consiste na discussão acerca do contexto universitário e suas demandas, contemplando categorias como as exigências da graduação, a rotina e os desafios nesse contexto que afetam o estudante universitário. No segundo capítulo, é tratado principalmente do adoecimento discente, evidenciando as suas características, assim como aspectos da relação entre professores e estudantes na graduação. O terceiro capítulo aborda a visão dos estudantes que fizeram parte da pesquisa acerca do adoecimento discente, em articulação com a análise realizada a partir dos dados obtidos com as respostas do questionário.

## 2 O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO E AS DEMANDAS ACADÊMICAS

Ao sair da Educação Básica, os estudantes que ingressam no Ensino Superior deparam-se com o novo desafio que é a sua chegada à universidade. Enfrentar uma realidade diferente com novas demandas e rotinas não mostra-se uma tarefa simples. Como afirmado por Sonnenhohl e Comiotto (2019), a universidade tem se tornado um sinônimo de ascensão social, mas é preciso levar em consideração a pluralidade de indivíduos que compõem a comunidade acadêmica e a sua construção para compreender as possíveis consequências desse novo cenário na vida de cada aluno.

Santos (2018, p. 11) ressalta que “o espaço universitário pode ser considerado um local primordial no desenvolvimento psicossocial do estudante, palco de emergência dos conflitos enfrentados por ele para incorporação do papel de adulto”. Por esse motivo, podemos constatar que para muitos desses indivíduos, o ambiente acadêmico é o espaço no qual ocorre o processo inicial da construção da sua identidade profissional em articulação à consolidação da identidade pessoal. Esse cenário torna-se um desafio diferente para cada estudante, tendo em vista os contextos plurais em que estão inseridos, as desconstruções e reconstruções de valores que serão vivenciadas e o processo de adaptação às novas demandas, as quais requerem uma cultura de estudo, de disciplina e de envolvimento acadêmico em suas múltiplas dimensões.

Ao objetivar uma formação integral dos sujeitos, a formação realizada nas universidades contempla os aspectos científicos, culturais, históricos, sociais e filosóficos da profissão desejada, mas também conta com oportunidades e experiências (como estágios, extensões, pesquisas e programas<sup>7</sup>) que possibilitam ao estudante adquirir um olhar ampliado em relação a sua área de formação. No entanto, a quantidade de demandas pessoais e acadêmicas interfere na formação do estudante, causando diferentes problemáticas, como exposto por Santos (2018, p. 12), que ao discutir sobre esse cenário reflete que as demandas acadêmicas podem acabar “levando até mesmo ao adoecimento e/ou agravamento de quadros pré-estabelecidos e consequentemente gerando abstenções recorrentes e trancamento do curso”.

Além dos elementos citados, Santos (2018) apresenta o cenário social mundial que se mostra em constante transformação para apontar que a busca dos indivíduos por uma melhor qualificação pessoal e profissional incide nos hábitos de saúde cotidiana. Por esse motivo, é possível afirmar que além das dificuldades presentes no cotidiano da universidade e no contexto

---

<sup>7</sup> No caso do curso de Pedagogia na UFAL os estudantes têm a possibilidade de ter contato com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica (RP), além de projetos de extensão.

específico em que o estudante está inserido, também se faz presente a expectativa por uma melhora de vida e um lugar na sociedade, desencadeando posturas que podem tornar-se agressivas para a saúde do sujeito.

Essas atitudes são tomadas em busca de suprir uma pressão social e pessoal, de uma possível melhora de vida e de manter-se ativo no mercado de trabalho, que incentiva a disputa e elimina profissionais menos preparados. Essa disputa pode ser observada no próprio ambiente acadêmico, incentivando, muitas vezes, a formação técnica em detrimento da integral que é pautada na reflexão, na práxis docente e na perspectiva da humanização.

Considerando que, de acordo com Santos (2018, p. 52), “a saúde é produzida socialmente, estando relacionada a um conjunto de valores (...)” e vai além das causas biológicas, faz-se necessário pensá-la de forma plural, compreendendo que ela contempla aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, não estando isento o contexto do Ensino Superior desse cenário. Caracterizada por ser um ambiente de transformações nos diferentes âmbitos, a universidade deve ser capaz de fornecer auxílio para atender essas demandas em busca de tentar minimizar seus danos aos alunos.

## **2.1 As exigências da graduação e a rotina acadêmica**

A transição realizada por alunos em cada etapa da educação é um momento delicado que requer novas posturas diante dos desafios que surgem ao longo do percurso. Os impactos dessa transição são vistos principalmente na inserção do aluno no Ensino Superior, pois a sua estrutura se diferencia bruscamente da forma que se concretiza a Educação Básica como um todo (GUIMARÃES, 2014).

As dificuldades experienciadas são inúmeras e contemplam diferentes esferas, que de acordo com Sonnenhol e Comiotto (2019, p. 1), “estão relacionadas tanto com a vida pessoal e/ou profissional dos alunos quanto aos obstáculos que são inerentes da vida da acadêmica”. Esses fatores são reafirmados por Silva e Neto (2014, p. 57) ao alertarem para o fato de que “o período de graduação pode ser uma fase de risco para os universitários, seja devido aos diversos estressores, à ausência de hábitos saudáveis, e à pouca e/ou inadequada prática de AF<sup>8</sup> durante esse período”.

Conforme exposto por Gomes *et al.* (2017, p. 5281):

Na sociedade contemporânea, é frequente a ocorrência de estressores que afetam diretamente a qualidade de vida dos sujeitos. Nesse âmbito, um dos aspectos a serem

---

<sup>8</sup> Atividade Física (AF).

salientados é a saúde mental do estudante universitário, que desde cedo encontra modelo de ensino constituído por uma carga horária exaustiva e um universo de pressões e incertezas, o que pode trazer sofrimento psíquico ou adoecimento.

Essa adaptação a nova rotina acadêmica pode provocar no aluno diversos sentimentos inesperados, experimentando sensações de incapacidade, ansiedade, euforia, entre outros. Esses sentimentos podem afetar a vida acadêmica de forma negativa e provocar situações de afastamento das atividades universitárias, uma vez que as “dificuldades na vida acadêmica podem resultar em evasão escolar e até adoecimento do discente” (SONNENHOL; COMIOTTO, 2019, p. 1).

Além disso, Ventura (2018, p. 33) discute que “a carga horária de aulas muitas vezes excessivas, receio do fracasso profissional acabam por ocasionar o desgaste físico e psicológico dos universitários, pois a estrutura oferecida pela vida acadêmica é exaustiva e muitas vezes massacrante”. Os estudos realizados por Silva e Heleno (2012, p. 73) atestam que muitos dos estudantes universitários estão insatisfeitos com “a qualidade do sono, com a disponibilidade de energia suficiente para o dia-a-dia, com oportunidades de ter atividades de lazer e com o ambiente físico”.

Santos (2018, p. 15) alerta para a falta de reconhecimento do sofrimento discente por parte de terceiros, além de apontar que essas adversidades podem surgir antes ou durante o processo de ingresso na universidade e que isso pode se externar em “absenteísmo, drogadição, depressão, suicídio, quadros de ansiedade e estresse, entre outros (...)”.

Conforme discutido por Silva e Neto (2014, p. 51), os “universitários justificam que os hábitos estão mais sedentários após o ingresso na universidade, devido ao aumento nas horas de estudo”. Os autores alertam para o fato de que esse estilo de vida realizado com privações de momentos de lazer, descanso e exercícios físicos trazem prejuízos para a qualidade de vida e saúde do estudante por causar um desequilíbrio na saúde mental e física, facilitando o aparecimento do adoecimento discente ao entrar em contato com estressores dentro do ambiente universitário, por não haver equilíbrio entre esses momentos, principalmente com a progressão de períodos e as exigências que a acompanham.

Essas exigências se relacionam com prazos acadêmicos, dinâmica diária, estágios, entrada no mercado de trabalho, além das demandas pessoais. Assim, “o estilo de vida de estudantes universitários envolve comportamentos de risco e pouco saudáveis que podem comprometer tanto a saúde quanto a qualidade de vida” (SILVA; HELENO, 2012, p. 71).

Ventura (2018, p. 32) alerta para a dualidade vivida durante a graduação, uma vez que “junto ao processo de formação somam-se problemáticas que não só dificultam a permanência

dos sujeitos na academia como também os atingem de forma brutal, abrangendo as demais esferas de suas vidas, social e pessoal”. A autora destaca, ainda, que esse processo exige a apropriação de uma linguagem acadêmica desconhecida pelas diferentes exigências em cada etapa da educação básica, podendo causar manifestações físicas, psicológicas e comportamentais.

Desse modo, é possível perceber que, como destacado por Silva e Heleno (2012, p.75), “o ingresso no ensino superior gera mudanças no cotidiano do estudante, proporcionando novas experiências associadas a novos e distintos sentimentos, o que influencia a percepção do estudante em relação a sua qualidade de vida e bem-estar”.

A pesquisa de Ventura (2018, p. 55) mostra que:

Outro ponto de mesma importância é a pressão a que são acometidos devido a exigência da produtividade por parte da universidade que acaba por acarretar em uma escravização da vida social dos estudantes, além da que é exercida sobre eles pelo medo de no futuro próximo serem mais um membro do exército industrial de reserva. Esses fatores tendem a submetê-los a altos índices de estresse e ansiedade.

De acordo com o exposto, é possível constatar que a graduação requer esforços por parte dos seus participantes, que, por vezes, sentem-se sobrecarregados e optam por se absterem de situações que trazem prazer e alívio em relação à rotina acadêmica vivenciada. Muitas vezes, isso ocorre pela busca de um melhor desempenho, medo de não ser abstraído pelo mercado de trabalho e de obter notas negativas, ou até mesmo de repressão por parte dos sujeitos presentes no ambiente da graduação, levando ao surgimento ou agravamento do adoecimento discente.

## **2.2 Os desafios do espaço universitário**

Nas últimas décadas tem se tornado cada vez mais evidente a expansão das universidades e centros universitários. Os estudos de Leal *et al.* (2019) apontam que três marcos foram essenciais para que isso ocorresse: a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394, de 20 de dezembro de 1996, (que regulamentou a diferenciação entre as instituições de ensino superior privadas e públicas, faculdades e institutos federais), políticas públicas de democratização que surgiram após os anos 2000<sup>9</sup> e, por fim, políticas

---

<sup>9</sup> Fundo de Financiamento Estudantil – FIES (1999), Programa Universidade para Todos – PROUNI (2004), Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI (2007), Iniciativa Universidade Aberta do Brasil – UAB (2006).

afirmativas<sup>10</sup> que possibilitam que as minorias sociais cheguem ao ensino superior através de um sistema de reserva de vagas.

Por meio dos avanços tecnológicos vivenciados pela sociedade, atualmente há também a possibilidade de cursar a graduação na modalidade de Educação a Distância (EAD), cujos dados do Censo da Educação Superior (2018), apontam que o número de matrículas nessa modalidade chegou a atingir mais de 2 milhões, incluindo, nesse contexto, as instituições públicas e privadas.

O processo de adaptação dos estudantes ao ambiente universitário pode ser complexo, englobando, de acordo com Pontes (2018), demandas pessoais, com fatores físicos e psíquicos; relacionais, que dizem respeito à socialização com os sujeitos presentes nesse contexto e fora dele; e institucionais, que estão relacionados aos aspectos de organização da universidade. O aluno ao adentrar nesse espaço, passa por um processo de adaptação à essa nova realidade, com a finalidade de atender às múltiplas demandas advindas do espaço acadêmico.

A atenção aos estudantes que acabaram de ingressar no Ensino Superior deve ser redobrada pois, segundo Leal *et al.* (2019, p. 64):

No período inicial do curso, os desafios enfrentados são potencializados pelo momento que o acadêmico vive. É no primeiro ano de curso que ele passará pelo momento de acolhimento, adaptação e integração à universidade. Por isso, é recomendado que as instituições se sensibilizem com a situação dos alunos recém chegados e atuem para integrá-los ao meio acadêmico.

Acostumado a uma outra rotina, é necessário um olhar diferenciado ao estudante recém-chegado (ou calouro) por tratar-se de uma pessoa que não tem uma familiaridade com o funcionamento da dinâmica universitária. Além disso, em alguns casos, a entrada na universidade torna-se o marco de divisão entre a adolescência e a vida adulta, o que pode provocar muitas inseguranças e medos. Os dados fornecidos pela pesquisa do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis - FONAPRACE (2014) atestam que 79,80% dos estudantes universitários sentem dificuldades emocionais no início do curso, reafirmando a necessidade de atenção a esse sujeito recém-chegado na universidade.

Esse fator também é apontado por Santos (2018, p. 79) ao discutir que “as exigências da vida universitária evidenciam que o estudante, desde o seu ingresso na instituição, deve despender recursos físicos, cognitivos e emocionais complexos para o manejo das demandas desse novo ambiente”. As mudanças vividas, tanto no período de transição do Ensino Médio para Ensino Superior, quanto durante todo o processo de graduação com a adaptação às novas

---

<sup>10</sup> Lei 12.711 de 2012, que estabelece a reserva de uma determinada quantidade de vagas universitárias para estudantes da rede pública de ensino, possibilitando maior acesso de minorias à universidade.

demandas pessoais e profissionais, fazem os alunos vivenciarem dificuldades de diferentes dimensões que podem acarretar no adoecimento discente.

Ao discutir sobre a transição da adolescência para a fase adulta, Ventura (2018) alerta para o fato de que, muitas vezes, esse processo ocorre dentro do ambiente acadêmico, e o sujeito precisa lidar com os processos da maturidade sexual, afetiva e comportamental. Sendo assim, além da adaptação à estrutura universitária, o indivíduo passa pelo processo de maturação, havendo conflitos de diversas naturezas, acesso a uma maior autonomia, independência e responsabilidade, aproximação de novas culturas e conhecimentos antes não acessados, que se caracterizam como uma construção identitária pessoal e profissional, processo que ocorre de forma simultânea e mostra-se como um desafio para o estudante.

Esse processo pode desencadear uma amplitude de desafios, como apontado na pesquisa de Sonnenhol e Comiotto (2019), que podem ser de âmbito psicológico, cognitivo, financeiro e social, sendo as dificuldades psicológicas as que apresentam maior incidência. De acordo com a pesquisa de Ventura (2018, p. 31-32):

(...) o índice de adoecimento psíquico é superior nos primeiros e últimos anos em que estão inseridos no ambiente acadêmico, um fator que pode ser apontado como influenciador do sofrimento no início do percurso, é a dificuldade de se adaptar a essa inserção em outro meio, assim como os novos tipos de relações e situações advindas desse ingresso. Já em relação ao adoecimento na trajetória final do curso pode se dar pelas dificuldades referentes aos projetos e monografias que finalizam essa etapa, assim como a insegurança em relação a inserção no mercado de trabalho.

Diante do exposto, podemos verificar que há uma relação direta entre as demandas oriundas do ambiente acadêmico e o processo de adoecimento discente, pois o cenário vivido incide novos desafios na vida do estudante, gerando desestabilização emocional ao indivíduo e intensifica-se ao longo do processo de formação.

A maior incidência de dificuldades apresentadas pelos estudantes é no âmbito psicológico, como apresentado nas pesquisas de Santos (2018) e de Sonnenhol e Comiotto (2019), as quais indicam que é necessário um olhar atento por parte da universidade, para que os alunos obtenham uma atenção significativa e não haja prejuízo para a saúde do estudante, na qualidade de vida, no desempenho acadêmico, na esfera institucional e familiar, bem como na relação com pares.

Ao avançar em relação ao desafio da entrada no universo acadêmico, especialmente no que se refere às universidades públicas, o estudante depara-se com uma série de questões ainda mais difíceis de serem superadas. Uma das dificuldades principais é a permanência, já que segundo Leal *et al.* (2019), a permanência do estudante na instituição de Ensino Superior é perpassada por muitas adversidades. Vai além de permitir que o estudante tenha acesso à

universidade, é necessário que ele possa contar com os recursos necessários para que frequente as aulas desde o ingresso na instituição até o término do curso.

Estudos do FONAPRACE (2014) apontam que os estudantes com renda familiar *per capita* mais baixa são justamente os da área do conhecimento de Ciências Humanas, área na qual o curso de Pedagogia está inserido. É preciso frisar que há dificuldades socioeconômicas das quais o estudante universitário não está isento, sendo necessário mais do que a abertura de mais vagas, visto que nem todos os estudantes têm condição de manter os gastos para continuar frequentando o ambiente universitário.

Sonnenhol e Comiotto (2019) apontam que as dificuldades financeiras, ao afetarem o desempenho do aluno na graduação e a situação de permanência no ambiente universitário, necessitam de uma atenção governamental, no sentido de que além de possibilitar o ingresso desses estudantes no espaço universitário, também é necessária a garantia de permanência por meio de ações voltadas para o auxílio à moradia, ao transporte e à alimentação.

Segundo Venturini e Goulart (2016, p. 97):

A desvantagem social provoca vulnerabilidade e exclusão. Essas condições podem levar ao surgimento de problemas psicossociais, que favorecem o aparecimento de perturbações. Os transtornos mentais, por sua vez, causam vulnerabilidade e exclusão, e essas condições conduzem, inevitavelmente, ao aparecimento de problemas psicossociais, até reforçarem a desvantagem social inicial.

Algumas universidades contam com programas e bolsas que visam garantir a permanência de seus graduandos como o Programa Bolsa Permanência (PBP). No caso da UFAL, há os programas Bolsa Pró-Graduando (BPG) e o Auxílio Alimentação, que em alguns casos não são suficientes para manter esse estudante na universidade, mas são importantes como meios de auxiliar e garantir a permanência dos alunos. Porém, segundo Santos (2018), essas iniciativas são relativamente recentes, pois a atenção à saúde dos estudantes, como uma parte das políticas de assistência estudantil, começou a ser traçada apenas em 2007.

No entanto, os programas citados não atendem toda a demanda de alunos e muitos precisam trabalhar ou realizar outros tipos de atividades remuneradas (estágios não-obrigatórios), a fim de obter os recursos necessários para manter a assiduidade no curso, assim como adquirir e financiar os materiais necessários para cursar as disciplinas (xerox, livros, locomoção, materiais de informática, entre outros).

Os alunos que não têm acesso aos auxílios encontram como alternativa a inserção no mercado de trabalho, resultando no surgimento de uma nova dificuldade que é atender às demandas desses dois universos e conciliar a rotina de trabalho com a acadêmica. Além disso, Ventura (2018, p. 42-43) acrescenta que:

(...) o aluno trabalhador vai estar submetido duplamente aos processos de precarização, primeiramente contida no mercado de trabalho com os contratos cada vez mais flexíveis e vínculos empregatícios frágeis e seguidamente no ensino superior onde as universidades passaram a atender as demandas do capital em relação a uma profissionalização da mão de obra.

Para além da questão da permanência, nos deparamos com questões de desempenho acadêmico e rendimento. Nesse estágio da discussão, é preciso levar em consideração algumas variáveis. O desempenho acadêmico de cada aluno se define não apenas por suas notas, sejam elas consideradas boas ou ruins, mas também pela assiduidade nas aulas e consistência na sua atuação, enquanto estudante. As notas classificam e segregam os estudantes, colaborando para o estabelecimento do clima de competitividade no ambiente universitário.

Esse clima de competitividade acaba, muitas vezes, desestimulando alguns dos estudantes, por não terem atingido os resultados esperados. Desse modo, é responsabilidade da universidade garantir que o ambiente acadêmico seja propício para um aprendizado eficaz para além das temidas notas, pois, de acordo com Venturini e Goulart (2016, p. 102):

Na sua proposta educacional, a universidade se apresenta como um conjunto de "possibilidades e obstáculos" para os estudantes, determinados a obter um resultado positivo. Se são respeitados os critérios de uma "frustração positiva", a superação dos obstáculos pode se tornar um fator de crescimento. Mas quando isso não acontece, ocorre o fenômeno do "fracasso escolar" com possíveis repercussões sobre o sentimento de autoestima dos estudantes.

Como desafio desse processo, destacamos as questões que envolvem aspectos relativos a fatores emocionais e transtornos mentais. Neste caso, Leal *et al.* (2019) afirma que é preciso levar em conta os fatores ambientais, sociais e individuais de cada estudante. Cabe pensar em várias questões como a baixa-autoestima, conflitos familiares, violência, abusos, angústia, depressão, ansiedade, desigualdade social e de gênero, luto, negligência, exclusão, solidão, dificuldade com prazos, falta de apoio emocional, inseguranças e dúvidas sobre seu futuro profissional e entrada no mercado de trabalho, entre outros. Salientamos também que esses fatores não levam necessariamente ao surgimento de transtornos mentais, porém, podem ser facilitadores para que isso ocorra.

Para Silva e Heleno (2012, p. 74), "ainda assim, é necessário que ocorram melhorias no meio em que o estudante vive, tornando-se essencial que esse ambiente apresente equipamentos básicos e redes de apoio que possibilitem o desenvolvimento de hábitos psicossociais saudáveis e adequados". Os estudos realizados por Silva e Heleno (2012, p. 75), no que diz respeito a qualidade de vida do estudante universitário, apontam que:

Considerando a avaliação da qualidade de vida, foi possível identificar diversas necessidades psicobiológicas, como sono e repouso, prática de atividade física, desenvolvimento de atividades de lazer e diminuição das emoções negativas. Isso

indica a necessidade de serem desenvolvidas ações psicoeducativas que visem à melhora destas condições, como uma estratégia para a melhora da qualidade de vida.

Ainda discutindo sobre qualidade de vida na universidade, os estudos realizados por Anversa *et al.* (2018, p. 630) sinalizam que:

O ingresso, a permanência e a finalização da formação universitária são fatores que podem refletir e impactar a qualidade de vida dos estudantes. Os resultados obtidos neste estudo sugerem que os ingressantes tendem a apresentar menos qualidade de vida, fato que pode ser justificado pela fragilidade dos vínculos sociais, exigências e frustrações educacionais, bem como pela incerteza e busca de identidade profissional. A permanência na universidade pode favorecer o amadurecimento e potencializar a autonomia e as segurança pessoal e profissional dos acadêmicos, influenciando todos os domínios da qualidade de vida.

Santos (2018) afirma a importância de buscar o baixo índice de adoecimento dos estudantes por ser a universidade a formadora de profissionais capacitados para influenciar as condições que incidem na saúde das pessoas. As pesquisas de Silva e Heleno (2012, p. 75) mostram que:

(...) faz-se necessário a busca de estratégias que permitam o desenvolvimento de recursos de enfrentamento para as novas situações vivenciadas, o que pode ser realizado por serviços e profissionais que auxiliem o estudante no seu autoconhecimento e no enfrentamento de suas dificuldades, sendo favorável para seu fortalecimento individual e equilíbrio emocional, aumentando assim, sua capacidade de responder mais satisfatoriamente aos desafios enfrentados nessa fase da vida.

Dito isso, é necessário pensar qual é a relação entre os desafios vividos no cotidiano acadêmico e o surgimento ou agravamento do adoecimento dos estudantes, que se encontram envoltos por problemáticas de cunho social, econômico, político, biológico e psicológico. Essas questões são complexas e exigem diálogos, políticas e ações permanentes que possam oferecer aos estudantes condições de acesso aos serviços ofertados.

A próxima seção apresenta o adoecimento discente frente às demandas acadêmicas e como essas demandas podem caracterizar ações que contribuam para que o estudante adoça, traduzindo em ações complexas e dinâmicas que acabam impactando a rotina do estudante e suas experiências no ambiente universitário.

### 3 O ADOECIMENTO DISCENTE FRENTE ÀS DEMANDAS DA GRADUAÇÃO

O adoecimento discente começou a ser discutido no Brasil em 1958 (SANTOS, 2018), através do trabalho pioneiro de Loreto (1958), que escreveu sobre a saúde mental universitária ao realizar uma análise sobre os estudantes atendidos pelo Serviço de Higiene Mental para estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Porém, a discussão sobre esse tema ainda necessita de expansão no campo acadêmico, uma vez que há poucas produções sobre o assunto.

Fernandes *et al.* (2018, p. 2299) explana que “evidencia-se alta prevalência de depressão em universitários, em média 30,6%, enquanto na população em geral essa prevalência corresponde a 9%. Alguns estudos apontam a prevalência de ansiedade em universitários variando entre 63% e 92%”, causando nos estudantes diversos sintomas que prejudicam sua saúde, além de alertar para o aumento dos números de suicídio entre esses sujeitos. A autora faz um alerta para a discrepância entre os números registrados entre os universitários e a população em geral para discutir que essa divergência dá-se pela configuração do ambiente universitário que também influencia no estilo de vida dos alunos.

Segundo Latorre (2018, p. 5):

(...) ainda não se debate abertamente sobre esse assunto nas instituições de ensino, o que denota um silenciamento da sociedade e um problema de ordem institucional, que advêm de um processo educacional injusto, elitizado e muitas vezes dominado pelo terror psicológico exercido sobre os estudantes.

É possível perceber que os espaços de discussão sobre a temática são escassos, e os estudantes pouco comentam sobre o assunto entre si. O adoecimento discente acabou tornando-se uma temática velada, no qual os estudantes que são acometidos por ela, sendo, muitas vezes, excluídos e impedidos de falar sobre o assunto com seus colegas, docentes e gestão acadêmica.

Segundo Ventura (2018, p. 56), “a negligência acerca de todo esse assunto que corresponde ao adoecimento, durante muito tempo foi vista como tabu, o que dificultou o seu amplo debate em todas as esferas da sociedade”, embora a quantidade de produções acadêmicas sobre o tema ainda esteja longe do ideal, é válido ressaltar que houve avanços no que diz respeito ao reconhecimento do adoecimento em produções acadêmicas.

De acordo com Fernandes *et al.* (2018, p. 2302), “conciliar trabalho com um curso superior é algo que exige muito do universitário e que pode levar ao surgimento de sintomas característicos de depressão, afetando a qualidade de vida e diminuindo seu desempenho tanto acadêmico quanto profissional”. Diante do que foi discutido, podemos perceber que a realidade

de alguns estudantes de estar inserido no mercado de trabalho durante o período de graduação também influencia no aparecimento do adoecimento, assim como a restrição de momentos de lazer, que segundo Fernandes *et al.* (2018), relaciona-se com as altas exigências oriundas do curso.

Latorre (2018, p. 5) ressalta que os “elementos do ambiente acadêmico como a intensa carga horária de estudo exigida em alguns cursos e a forte cobrança dos professores em suas disciplinas, leva muitos universitários a desenvolver transtornos psiquiátricos durante a graduação”, portanto, visto que o adoecimento discente faz-se presente na rotina universitária, cabe destrinchar suas características e possíveis causas, bem como outros fatores que podem facilitar o surgimento dessa problemática.

### 3.1 Características do adoecimento discente

Segundo Guimarães (2014, p. 27), os “estudantes enquanto jovens adultos em processo de desenvolvimento se encontram mais susceptíveis às situações de mal-estar e a desencadear muitas emoções (...)”. Desse modo, podemos considerar essa transição da fase adolescente para a fase adulta como um dos fatores para o adoecimento dos graduandos, pois ocorrem novas experiências que envolvem a quebra e ressignificação de valores sociais, culturais, políticos e econômicos ao haver conflitos entre concepções existentes e a nova realidade, assim como aos novos conhecimentos, fatores que acontecem paralelamente à construção da identidade pessoal e profissional.

Além disso, a forma que a sociedade está organizada reflete significativamente no estilo de vida do estudante, portanto, é necessário conhecer o contexto em que ele está inserido para que seja possível compreender as nuances que se imprimem na sua vida acadêmica. Nas palavras de Pontes (2018, p. 37):

Uma vez que vivemos em uma sociedade produtivista e de consumo, sendo o valor pessoal medido no que se tem e produz, se faz extremamente necessário criticar este modelo competitivo, funcionalista que tanto nos desgasta cotidianamente, em vez de adotar receitas prontas para diminuir o *distress* e aumentar a qualidade de vida.

Considerando seu argumento, é possível percebermos que a sociedade exerce nos seus integrantes um ritmo de produção e competitividade constante, a qual exige adequações para manter-se ativo no mercado de trabalho e conseqüentemente influencia negativamente o seu estilo de vida. Para os estudantes, esse fator se evidencia por ser a universidade o ambiente de

produção do conhecimento, assim como de formação, que exige de seu corpo discente dedicação.

Dessa forma, é preciso enfatizar que o Ensino Superior, assim como as demais etapas da educação, recebe influências do mercado de trabalho, fator que leva os alunos a exercerem a competitividade dentro do espaço acadêmico e ao desenvolvimento de hábitos que influenciam negativamente o estilo de vida.

Os estudos de Latorre (2018, p. 52) definiram como “(...) causas propícias para deixar os estudantes vulneráveis o fato de passar a morar longe da família, as pressões acadêmicas e rendimento, a transição do ensino médio para o superior, a formação de uma percepção de identidade, entre outros”. Além disso, Latorre (2018, p. 55) também cita que são causas que afetam o adoecimento discente "a) a falta de diálogo professor-aluno; b) a insônia; c) a intensa carga horária exigida; d) a forte cobrança dos docentes; e) a inflexibilidade da instituição e dos professores, e entre tantos outros elementos que sistematizam a violência sofrida pelo discente”. Isso permite inferir que o adoecimento discente caracteriza-se por um conjunto de fatores que perpassam pelo espaço universitário e suas nuances.

Segundo Guimarães (2014), o ambiente acadêmico é um dos mais importantes e dos principais geradores de estresse. No contexto acadêmico, é possível encontrar influência do mercado de trabalho na formação dos alunos, pois eles encontram-se em uma busca incessável por melhor qualificação, que pode causar sensação de esgotamento e até mesmo incapacidade, não havendo espaço para momentos de descontração e lazer. Além disso, ter ciência dessas particularidades sociais que afetam os estudantes é importante para que não haja “culpabilização” do sujeito, por conta de adoção de estilo de vida pouco ou não saudável” (PONTES, 2018, p. 37).

Na universidade, o indivíduo é exposto a diversas situações que causam estresse. De acordo com Pontes (2018, p. 43), “(...) o stress é a condição inevitável da vida, é certo dizer que sem o mesmo ela não existiria”, mas é necessário estar atento aos níveis de estresse e suas consequências. Para o autor, os diferentes níveis de estresse causam distintas reações nos sujeitos de âmbito psicofisiológico, alertando para o fato de que há uma relação ativa e simultânea entre o meio e o sujeito, podendo haver uma melhora ou piora nesse processo. Por esse motivo, entendemos que as reações dos alunos podem ser causadas por um ou mais estímulos estressores durante a formação.

Pontes (2018) alerta, ainda, para o fato de que, por o estresse ser um processo biopsicossocial complexo, cada indivíduo reage de uma forma diferente frente ao estímulo estressor. Ao trazer para o contexto acadêmico, é possível compreender que cada indivíduo

reagirá de forma diferente a situações diversas, podendo um determinado grupo não as considerar como difíceis, mas um outro grupo apresentar dificuldades para lidar com elas, desencadeando sintomas danosos para a saúde, sendo ele psicológico, biológico e social.

De acordo com Cachoeira *et al.* (2016), no ambiente acadêmico também há o surgimento de Transtornos Mentais Comuns (TMC) que podem ser ocasionados por diversos fatores como frustração, mudanças, angústias e outros. A partir da discussão realizada por Cachoeira *et al.* (2016, p.4502), entendemos que “(...) o ambiente que contribuiria na edificação do conhecimento e seria a base para as suas experiências de formação profissional se torna, por vezes, o desencadeador de distúrbios patológicos”. Além disso, Cachoeira *et al.* (2016) alerta que os TMC podem acarretar no aparecimento de novos transtornos que afetam os universitários, sendo os mais comuns a ansiedade e a depressão.

Segundo a pesquisa de Fernandes *et al.* (2018), voltada para os índices de depressão e ansiedade, a incidência maior dos sintomas nos alunos que fizeram parte da pesquisa foram medo do pior, irritabilidade, sensação de estar assustado, desconforto abdominal, nervosismo, indigestão e fadiga, mas além desses sintomas também há problemas relacionados ao sono, à raiva, à atenção, à memória, entre outros.

Ao falar do surgimento de sintomas ansiosos na população universitária, Fernandes *et al.* (2018) refletem que há prejuízos diversos que afetam o desempenho dos alunos em várias esferas, além de alertar para o fato de que os fatores que mais influenciam o surgimento desses sintomas são relacionados a estressores sociais, ajustes e transições do contexto familiar para o universitário, aspectos financeiros e desempenho acadêmico.

Latorre (2018, p. 51) ressalta que:

O estudante para que se mantenha, destaque-se e seja reconhecido em um ambiente acadêmico permeado de normas, metodologias específicas, grupos e pessoas desconhecidas, precisa desenvolver um perfil universitário, sendo que este processo pode ser marcado por conflitos, ansiedade, idealizações e angústias.

Nos fatores mencionados pela autora, se fazem presentes as dificuldades oriundas da transição entre as diferentes etapas da educação, a dificuldade de adequação ao novo modelo e suas exigências, dificuldades referentes à socialização e ao processo de construção de uma identidade universitária, que em articulação às demandas do contexto exterior à academia se ligam diretamente ao processo de adoecimento do discente.

Segundo Cachoeira *et al.* (2014, p. 4502):

(...) a satisfação acadêmica influencia diretamente no desempenho escolar, podendo afetar tanto a formação profissional quanto as interações sociais, bem como o possível desejo de desistência do curso, causando prejuízos, até mesmo, para saúde física e mental dos graduandos.

A partir dessa discussão, podemos constatar que os possíveis conflitos dentro e fora do ambiente universitário, causados por diversos fatores, podem afetar o discente a ponto de desencadear insatisfação em permanecer na academia, trazendo consequências para o seu bem-estar, desempenho na universidade e levando ao surgimento do adoecimento. Esses fatores que podem afetar a dinâmica de adoecimento têm como causas o desemprego, a insatisfação e estresse no ou com o emprego, estado civil, o horário de estudo, até mesmo a formatura e a inserção no mercado de trabalho (CACHOEIRA *et al.*, 2014). Esses indicadores apontam causas sociais, econômicas, culturais, fisiológicas e psicológicas no surgimento de sentimentos que desencadeiam o adoecimento.

Os estudos de Guimarães (2014) também mostraram alguns dos elementos que caracterizam o adoecimento dos graduandos. Estão presentes fatores financeiros, sociais, físicos, ambientais, psicológicos, culturais e políticos que afetam a qualidade de vida, além dos níveis de estresse, ansiedade e depressão da população universitária. Nessa perspectiva, Latorre (2018, p. 55) reflete que há uma “(...) vulnerabilidade dos discentes ao sofrimento psíquico e ao desenvolvimento de doenças mentais em razão de diversos fatores, como, por exemplo, as fortes cobranças dos professores, a intensa carga horária de estudo exigida e a insegurança com suas próprias qualificações”.

Os aspectos discutidos são indicadores de que o processo de adoecimento discente é complexo e multidimensional, mas apesar de ocorrer de forma diferente para cada indivíduo ele apresenta particularidades que se assemelham. Assim, pode-se elencar por parte da universidade, os indícios de adoecimento do corpo estudantil, para que seja possível elaborar ações que visem reduzir os índices e auxiliar os alunos que apresentam esse quadro, dessa forma, melhorando a participação dos estudantes no ambiente acadêmico.

### **3.2 A relação professor-aluno na graduação**

As discussões sobre as relações entre professores e alunos são complexas, uma vez que estamos lidando com histórias e pessoas que estão em posições distintas, gerando, em muitas situações, visões diferentes sobre o mesmo aspecto. Segundo Latorre (2018, p. 55), é possível identificar uma “vulnerabilidade dos discentes ao sofrimento psíquico e ao desenvolvimento de doenças mentais em razão de diversos fatores, como, por exemplo, as fortes cobranças dos professores (...)”, que podem concretizar-se em inflexibilidade do professor e na falta de diálogo.

Diante do exposto, podemos inferir que o processo de adoecimento do aluno pode estar sendo influenciado pela relação professor-aluno, ao depender de como se desenvolve a conduta dentro de sala de aula e das características da relação entre docente e discente. Por esse motivo, é essencial uma discussão que aborde essa especificidade ao pensar sobre o adoecimento da população estudantil.

Na sociedade moderna, o sistema de ensino está ancorado nos ideais capitalistas de preparo para o trabalho e transforma as escolas de Educação Básica e as instituições de Ensino Superior em centros de preparação para trabalhadores. A construção do ensino universitário que se encontra pautada na aprendizagem mecânica, aponta para a direção da supervalorização da dimensão cognitiva em detrimento dos outros aspectos da relação entre professores e estudantes. Nesse contexto, muitas vezes, os universitários encontram professores que, de acordo com Santos e Soares (2011, p. 361):

(...) à medida que faz uso da soberba intelectual, contribui para que o estudante permaneça numa posição passiva no seu processo formativo. É fato que a relação professor-estudante está assentada no controle de um agente sobre o outro e que, a depender da concepção de sociedade e de homem que se deseja contribuir para formar, o outro será considerado subordinado, implementando uma relação de poder marcada pelo autoritarismo, ou será percebido como sujeito ativo, acionando a autoridade epistemológica do professor.

Para a Psicogênese de Henri Wallon, a compreensão do ato de aprendizagem deve contemplar não apenas o aspecto cognitivo do ser humano, mas também a dimensão afetiva, no sentido de que nesse processo os sujeitos afetam e são afetados. Nessa lógica, a defesa de uma relação horizontal na relação entre os envolvidos no processo cognitivo contribui para a condução dos trabalhos e para a valorização da profissão, bem como para uma relação harmônica entre estudantes e professores. Segundo Veras e Ferreira (2010, p. 220):

Com base em uma perspectiva histórico-cultural, a teoria de Wallon destaca-se nos estudos sobre afetividade, afirmando em sua teoria da Psicogênese da Pessoa Completa, que a dimensão afetiva, ao longo de todo o desenvolvimento do indivíduo, tem um papel fundamental para a construção da pessoa e do conhecimento.

O sentido de afetividade nesta teoria está atrelado às experiências que as pessoas vivenciam e como são afetadas por elas. Ferreira e Acioly-Régnier (2010) realizaram estudos sobre a afetividade na perspectiva walloniana, evidenciando que ela apresenta-se como um domínio funcional, com ocorrências distintas, que ao longo do desenvolvimento vão deixando sua base puramente orgânica, enquanto criam laços com a dimensão cognitiva, em que se destacam os sentimentos.

Veras e Ferreira (2010) explicam que Wallon descreve o desenvolvimento até a adolescência como um processo de construção do eu, evidenciando que esse processo é

contínuo (não se limitando apenas à adolescência e se estendendo até a vida adulta) e possibilita o conhecimento de si mesmo e a construção de uma identidade própria, e que o professor pode ser um participante desse processo, pois, de acordo com Veras e Ferreira (2010, p. 221):

(...) a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção. Nesse sentido, é essencial que o professor de Ensino Superior também esteja envolvido nesse processo, considerando a afetividade como parte do desenvolvimento, buscando a formação integral dos estudantes universitários e uma vivência positiva da aprendizagem.

Para Veras e Ferreira (2010), o professor tem o papel de articular o domínio afetivo e o domínio cognitivo, por meio de suas propostas pedagógicas e decisões de ensino e avaliação (as quais contam com a presença da afetividade). Esses processos tornam-se um fator decisivo no surgimento das relações dos conteúdos estudados com o aluno, e a mediação do docente.

É possível que, a partir desse processo se estabeleça uma relação afetiva, desde que o estudante e o professor tenham o mesmo objetivo, pois as ações de um interferem no outro, como descrito por Roncaglio (2004, p. 110) ao discutir que “os professores na gestão de sua aula (...) imprimem a sua filosofia pessoal, os seus valores, a sua marca, os quais, (...) podem alterar a interpretação e a concretização da leitura institucional, fator esse que vai interferir na relação professor-aluno”.

Os estudos realizados por Veras e Ferreira (2010) apontam que a postura do professor possui influência na aprendizagem do aluno, e essa influência pode ser tanto positiva quanto negativa, partindo do pressuposto que tudo depende da qualidade da mediação realizada pelo professor na relação conteúdo-estudante. Se a postura que o docente adota em sala de aula permite o estabelecimento de um ambiente de respeito mútuo, em que o estudante tem a abertura e a liberdade de socializar suas opiniões e dúvidas, o aprendizado será muito mais efetivo do que seria, caso o ambiente fosse exatamente o contrário disso. Santos e Soares (2011, p. 362) sustentam este argumento afirmando que:

A formação de profissionais com autonomia e com motivação para aprender continuamente pressupõe que a relação professor-aluno tenha, como foco, a aprendizagem construtiva do estudante, e seja baseada na confiança, na disposição e na capacidade de aprender. Portanto, o investimento nessa aprendizagem e o desenvolvimento de uma relação afetiva entre professor e estudante são aspectos do processo formativo que mantêm uma interação dialética e de influência mútua. O impacto dessa interação na identidade profissional do formando está diretamente ligado à possibilidade de o estudante vivenciar essa interação na sala de aula da universidade.

No entanto, a pesquisa de Ventura (2018, p. 48) ao analisar as respostas dos estudantes ao questionário sobre o processo de adoecimento mostra que alguns alunos “(...) expuseram a

extrema exigência por parte dos professores que gera uma alta ansiedade, assim como o deboche que alguns têm para com os alunos, a cobrança em excesso (...)"'. Desse modo, podemos supor que, em algumas realidades, a relação professor-aluno, assim como o clima dentro de sala, encontra-se prejudicado.

O uso de estratégias que tornem o ambiente e o clima de aprendizado mais prazeroso para os estudantes favorece o aprendizado e o surgimento de um vínculo entre aluno e professor. Porém, na maioria dos casos, as salas de aula do Ensino Superior não se configuram dessa maneira. Apoiados na hierarquia, muitos professores se utilizam do seu *status* como autoridade, sem considerar as opiniões dos estudantes sobre as estratégias de aprendizado, o que acaba dificultando o surgimento dessa relação de proximidade com os alunos. Esse elemento pode ser visto na discussão de Latorre (2018, p. 14) ao relatar que:

Para que o processo de violência simbólica se sistematize, as universidades delegarão poder aos professores, momento em que se posicionarão como autoridades pedagógicas, sendo responsáveis por transmitirem a cultura dominante, independentemente de terem conhecimento deste processo, já que mesmo que identifiquem que há uma reprodução e dominação, este arbítrio cultural é tão enraizado e naturalizado, que acreditam ser inaceitável o ensino se dar de outra maneira.

Essa discussão permite compreender que no posicionamento autoritário de alguns professores há um prejuízo no processo de construção do conhecimento, pois ele deixa de ser construído de forma conjunta, entre professores e alunos, e passa a haver a reprodução do conhecimento, além de ser realizado de forma hierárquica. Esse processo mostra-se contraditório de modo que as divergências presentes entre as estratégias de aprendizado discutidas e adotadas são evidentes. Nos estudos de Roncaglio (2004, p. 103), por meio de entrevistas com estudantes, esse fator fica evidenciado em relatos de alunos sobre suas experiências em sala de aula, pois apontam que:

(...) os professores criticam a escola tradicional e ensinam a importância de incentivar os alunos a trabalhar com o lúdico, mas, na sua prática, em sala de aula, na educação superior, passam muita teoria e não se utilizam da didática e dos recursos pedagógicos que dizem ser importantes.

Esse elemento é presente na discussão realizada por Ribeiro (2018) ao destacar algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos no período de graduação, como por exemplo no acompanhamento da didática do professor da universidade, além disso, a autora apresenta dados oriundos de sua pesquisa que atestam assédio por parte do docente. Esses fatores acabam por comprovar que parte dos alunos tem dificuldades com o aprendizado dos conteúdos de determinadas disciplinas, podendo ser desencadeado por problemas na relação entre estudante e professor.

Diante da discussão, percebemos que o autoritarismo em sala de aula, apesar de ser muito criticado, faz-se presente no Ensino Superior. Ainda é possível encontrar professores que utilizam-se das relações de poder advindas de suas posições na hierarquia acadêmica, que acabam tornando o ambiente da sala de aula um lugar hostil e desestabilizador para o estudante universitário. Conforme Latorre (2018, p. 15):

(...) em determinados casos, este poder conferido aos professores os fazem se sentir como grandes autoridades, o que pode favorecer situações de abuso de poder, imposição de terror psicológico, não promoção do desenvolvimento do pensamento crítico, exigências excessivas, entre outros.

De acordo com o exposto, cabe constatar que o posicionamento autoritário adotado por alguns docentes ocasiona situações que levam ao processo de surgimento de sintomas que desencadeiam o adoecimento discente ou o seu agravamento, além de prejudicar diretamente o processo de construção do conhecimento, retirando o viés dinâmico e tornando o processo rígido para o aluno. Além dos elementos citados, podem ser salientados outros aspectos dessa relação não-democrática, que, segundo Roncaglio (2004, p. 104), configuram-se em:

(...) inflexibilidade, alto grau de exigência, sem oferecer retorno, teoria desvinculada da reflexão e da prática, denotam relações de poder do educador que se distancia da realidade do aluno, fazendo com que o processo ensino-aprendizagem seja unilateral, acrítico e desprovido de uma prática democrática.

A importância do *feedback* demonstra o compromisso e o cuidado do docente com a aprendizagem de seus alunos, estreitando a relação professor e discente através da validação do trabalho produzido e de sugestões de melhora em seu desempenho, mostrando novos caminhos e possibilidades de evolução para o estudante.

Para Santos e Soares (2011, p. 363):

O compromisso do professor com a aprendizagem dos estudantes, conforme a maioria dos colaboradores da pesquisa, se concretiza, também, na prática sistemática de fornecer o *feedback* operativo sobre as produções dos estudantes. Sendo a aprendizagem um processo construtivo que promove novas formas de conhecer com base nas experiências dos próprios estudantes, é fundamental que o professor não se restrinja à atribuição de conceitos ou notas. O *feedback* representa um instrumento importante para a aprendizagem, pois coloca o sujeito como centro da sua própria formação.

Dessa forma, além de contribuir para a aprendizagem de forma significativa, são reduzidas as situações que podem influenciar no surgimento ou agravamento do quadro de adoecimento discente, pois o clima hostil e desestabilizador, advindo da natureza conflituosa da relação entre professores e alunos, mostra-se como um dos principais fatores que pode dar origem a dificuldades de aprendizagem. Sobre a natureza irônica dessa relação, Santos e Soares (2011, p. 361) elucidam:

A natureza conflituosa dessa relação é pautada na ironia afetiva, conforme o conceito socrático de ironia – modo de interrogar pelo qual se leva o interlocutor ao reconhecimento da sua própria ignorância – ou no ódio promovido pelo sarcasmo do professor. Para fugir desse sarcasmo, se estabelece uma relação professor-aluno baseada num fingimento conjunto em que, no seu processo formativo, o estudante transforma seu ódio, gradativamente, em um jogo de cena.

Segundo Roncaglio (2004, p. 105), o docente na graduação é visto como um modelo, uma referência que pode ser tanto positiva quanto negativa no processo de construção e crescimento da identidade pessoal e, principalmente, profissional do estudante. Para Roncaglio (2004), o professor precisa ter consciência de que seu aluno o tem como influência, e que dependendo da forma com que ele conduz sua prática, seu aluno pode vir a reproduzir a mesma prática no futuro, como profissional da educação, sem sequer refletir sobre ela.

Segundo Santos e Soares (2011), a aprendizagem é a justificativa da relação professor-aluno, e o encontro desses dois sujeitos tem o objetivo de compartilhar conhecimento. As autoras também enfatizam que essa relação é favorável para ambas as partes quando o professor configura sua autoridade, mas sabe até onde vão os limites dessa autoridade, não ultrapassando sua condição como profissional da educação.

Nesse contexto, é preciso destacar a possibilidade do contato individualizado entre professor e estudante, que ao criar um vínculo maior, pode possibilitar que o docente realmente conheça o seu estudante e saiba quais tipos de estratégias funcionam melhor para a sua aprendizagem, pois, segundo Santos e Soares (2011, p. 363):

Trata-se de um recurso que pode ajudar cada estudante a encontrar-se consigo mesmo, a refletir sobre sua participação no processo de produção do conhecimento e de formação profissional. E, ao professor, identificar os aspectos que obstaculizam a participação ativa na construção da própria aprendizagem.

Cabe pensar na relação aluno-professor como uma via de mão dupla, pois, segundo Latorre (2018, p. 18) “ambos desempenharão partes igualmente importantes e construirão saberes em conjunto”. O professor pode realizar práticas facilitadoras e ser acessível com os estudantes, mas é necessário que o aluno também tenha compromisso e invista no seu processo de aprendizagem.

Porém, os estudos de Santos e Soares (2011) constatam que manter a disciplina e o compromisso com os estudos está ligado ao confronto da impotência perante a dificuldade de assimilação dos conteúdos estudados. Mas como superar esta questão? Uma das possibilidades é a revisão de trabalhos e solicitação de contribuição do professor (*feedback*), porém, em um ambiente de clima hostil e antidemocrático não é possível a concretização desse aspecto.

Para Latorre (2018, p. 14):

(...) essa possível falta de comunicação entre professores e alunos nas instituições de ensino superior reforçaria uma separação em dois lados: os docentes como detentores de todo o saber que legitimam e dissimulam as relações de força; e os discentes como receptores dessas significações, que são, em sua maioria, perpassadas pela técnica da repetição.

A cultura escolar em que os estudantes vivem, desde a Educação Básica, está centralizada no professor como detentor do conhecimento, e, na maioria das vezes, o estudante não adquiriu o hábito de expressar suas dúvidas e opiniões em classe. Santos e Soares (2011) salientam que o receio de se expor e outros condicionamentos que foram internalizados na Educação Básica precisam ser superado para que o estudante possa vivenciar as práticas universitárias, participando ativamente das atividades propostas pela academia.

Em termos gerais, a construção de uma relação saudável entre docente e discente depende de ambas as partes, visto que é preciso da colaboração mútua para atingir o objetivo principal: o aprendizado. Além disso, se a relação entre professor e aluno for marcada por instabilidade, com a falta de diálogo, respeito e abusos, o processo de construção do conhecimento será prejudicado, podendo impactar nocivamente no processo de surgimento ou agravamento de quadros de adoecimento discente, como apontam os estudos de Latorre (2018), Ribeiro (2018), Santos (2018) e Ventura (2018).

De um modo geral, é possível afirmar que a relação estabelecida entre os estudantes e professores é uma dimensão importante para superar os desafios acadêmicos, bem como sanar possíveis traumas acadêmicos, os quais podem gerar um adoecimento discente pautado em uma dimensão advinda da falta de empatia, de preposições de superioridade e de ações que não fazem bem no processo de relação harmônica entre os envolvidos.

## 4 AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O ADOECIMENTO DISCENTE

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos por meio do questionário on-line, realizado pelo aplicativo Google Forms. A coleta de dados foi feita desse modo por decorrência da impossibilidade da distribuição das questões em cunho físico, advinda das medidas de isolamento social, ocasionadas pela pandemia do COVID-19. O link do questionário foi divulgado nas redes sociais do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), nas redes sociais das autoras desta pesquisa, e também foi compartilhado em grupos de Whatsapp e e-mails, referentes às turmas do curso de Pedagogia do 5º ao 9º período<sup>11</sup>.

O questionário permaneceu aberto para respostas entre os dias 22 a 29 de março 2020, contando com o intervalo de uma semana para obtenção de respostas. No total, 110 graduandos responderam ao questionário, contribuindo para a compreensão da percepção dos estudantes sobre a temática do adoecimento discente frente às demandas acadêmicas e os elementos que estão presentes nesse processo. As perguntas realizadas no questionário constam no apêndice deste relatório.

Cabe destacar que a coleta de dados representa apenas uma pequena parcela dos estudantes que estão matriculados no curso. Segundo a atual listagem de matrículas (período 2020.1), 618<sup>12</sup> alunos estão matriculados nos períodos finais (5º ao 9º período) do curso de Pedagogia, ofertado pelo CEDU. As respostas obtidas pelo questionário on-line correspondem a 17,79% do total de alunos matriculados, tornando a amostragem da pesquisa pequena, em virtude do que poderia ser obtido caso o questionário fosse passado para os estudantes na forma física. Porém, os resultados mostram-se significativos, mesmo com a amostragem reduzida.

As análises realizadas neste capítulo contam com o suporte de gráficos e de quadros, referentes aos dados fornecidos pelos sujeitos que participaram da pesquisa ao responderem às questões presentes no questionário. Essas informações são consideradas significativas para compreender as nuances que envolvem o adoecimento discente no *locus* da pesquisa.

### 4.1 Caracterização dos participantes

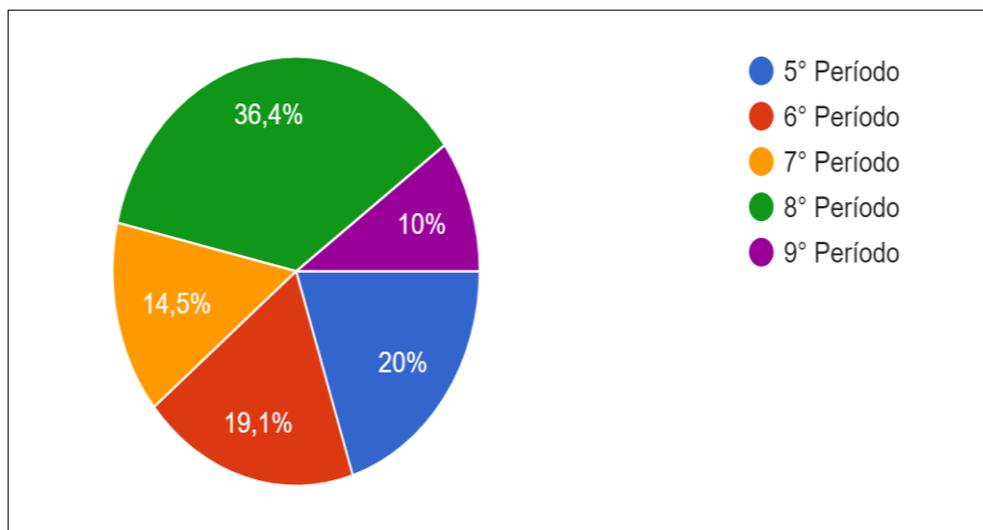
---

<sup>11</sup> O curso de Pedagogia da UFAL, campus A. C. Simões, funciona em dois turnos. No diurno, são oito períodos para finalizar a formação; e, no noturno, são nove.

<sup>12</sup> Esses dados foram coletados em março de 2020, no início do semestre, antes do período de reajustes de matrícula, bem como a suspensão do semestre, ocasionadas pela pandemia do COVID-19.

O critério estabelecido para que os estudantes pudessem participar da presente pesquisa foi estar matriculado do curso de Pedagogia, pela UFAL (Campus A.C. Simões), e estar cursando os períodos finais (do 5º ao 9º período). De modo que foi obrigatória a resposta da primeira questão, referente ao período em que os participantes estavam inseridos no curso.

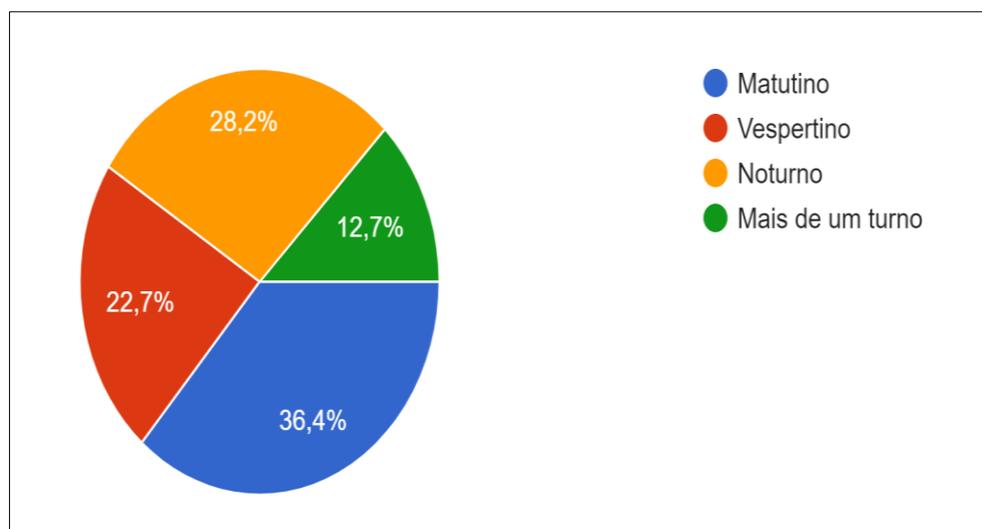
**Gráfico 1 - Período do curso em que os participantes se encontram matriculados**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

De acordo com os dados obtidos, que constam no gráfico 1, podemos observar que a maioria dos estudantes que participou da pesquisa está no oitavo período, que a depender do turno, é o último semestre do curso. É válido ressaltar que os números obtidos não correspondem ao total de alunos matriculados em todas as turmas participantes nos três turnos.

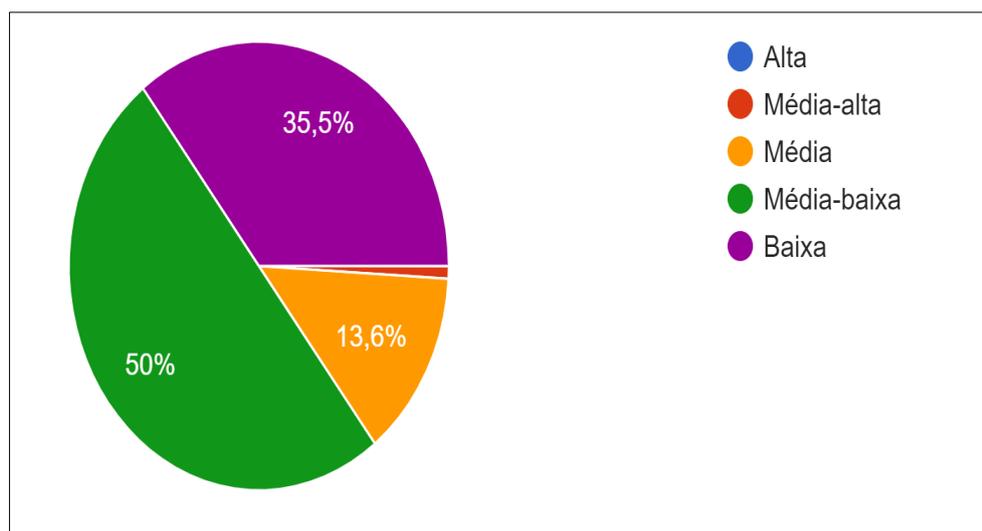
**Gráfico 2 - Turno de estudo dos participantes da pesquisa**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

Em relação ao turno em que os participantes estudam, 36,4% dos estudantes frequentam as aulas durante o turno da manhã, 22,7% frequentam à tarde e, 28,2%, durante a noite. Destacamos que 12,7% dos estudantes que participaram da pesquisa estudam em mais de um turno, em um mesmo semestre.

**Gráfico 3 - Classe social em que os participantes da pesquisa estão inseridos**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

O gráfico 3 apresenta como os participantes da pesquisa identificam-se, de acordo com classe social. 50% dos estudantes identificam-se como membros da classe média-baixa, enquanto 35,5%, como membros da classe baixa. 13,6% consideram-se classe média e apenas 0,9% dos estudantes, como parte da classe média alta. Nenhum dos participantes identificou-se como membro da classe alta.

Segundo os dados da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos dos IEFES (2019, p. 14) “42,8% dos estudantes encontram-se nas classes [de renda] C, D, E cuja renda média familiar mensal atingia, no máximo, R\$ 927,00, valor contido na faixa vulnerabilidade social”. De acordo com as pesquisas do FONAPRACE (2014), os estudantes dos cursos de ciências humanas estão entre os estudantes com a menor renda *per capita* das universidades, e é nessa lista que os estudantes de Pedagogia estão inseridos.

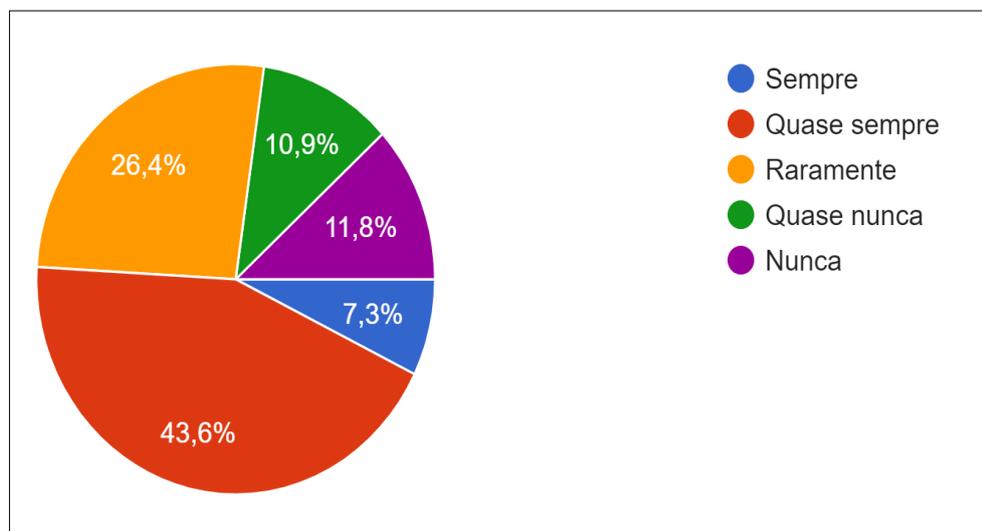
Na tentativa de buscar a ascensão social, esses estudantes finalizam a Educação Básica e seguem o caminho para a universidade. Muitas vezes, advindos de famílias oriundas das classes baixas, esses estudantes precisam enfrentar as dificuldades financeiras para permanecerem na academia. As bolsas e estágios não-obrigatórios são algumas alternativas

encontradas pelos alunos, que visam a obtenção de recursos que sejam suficientes para garantir sua permanência e frequência na universidade.

#### 4.2 O adoecimento na graduação

O adoecimento discente durante a graduação é um índice frequente, seja devido a diversas condições que impossibilitam os estudantes de desenvolverem as múltiplas atividades acadêmicas ou até mesmo dos elementos que constituem esse ambiente. Considerando o objeto de estudo da pesquisa, que é o adoecimento discente, foi necessário questionar aos participantes se eles apresentaram algum quadro de adoecimento durante o percurso da graduação.

**Gráfico 4 - Apresentação de algum quadro de adoecimento durante a graduação**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

Os números atestam que 43,6% dos participantes apresentaram um quadro sintomático de adoecimento, quase sempre durante a graduação. 26,4% dos estudantes adoeceram raramente, e 10,9%, quase nunca. O índice de estudantes que nunca adoeceram durante a graduação é de 11,8%, enquanto o de estudantes que sempre adoeceram durante o semestre de estudos compõem 7,3% dos participantes da pesquisa.

Após a resposta relativa à ocorrência ou não do adoecimento pelos alunos durante o processo de formação, os estudantes foram convidados a indicar os transtornos, as doenças ou as síndromes em que foram acometidos durante a graduação. As respostas dos participantes foram:

**Quadro 1 - Transtornos, doenças ou síndromes apresentadas**

<b>Transtornos, doenças e síndromes</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
Mais de um fator	36
Ansiedade	25
Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)	6
Dor de cabeça	3
Depressão	2
Estresse	2
Vírose	2
Bronquite aguda	1
Cansaço excessivo	1
Gripe	1
Crise alérgica	1
Depressão pós-parto	1
Fibromialgia	1
Urticária crônica	1
<b>TOTAL</b>	<b>84</b>

Fontes: Sistematização das autoras.

A maior incidência de adoecimento apresentava mais de um fator, contando com 36 respostas que apontam fatores como: enxaqueca, estresse, ansiedade, exaustão, pânico, dor de cabeça constante, dor nas costas constante, sentimento de incapacidade, Síndrome do Pânico, Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), sintomas de Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), cansaço, tensão, nervosismo, depressão, gripe, resfriado, alergia, queda de imunidade ao fim do período, gripe emocional, enxaqueca, resfriado, dor no ombro, rinite, falta de ar, tontura, dores no corpo, queda de cabelo, manchas pelo corpo, dores na lombar, nervosismo, infecção urinária, perda de peso, diarreias, febre, cansaço físico, pressão alta, mal estar, fobia social e tricolomania.

A partir dos dados obtidos por meio das respostas dos participantes, pudemos perceber uma prevalência de questões de cunho psicológico atreladas a fatores acadêmicos, até mesmo em relação a problemáticas que não encontram-se previamente relacionadas, como apontado pela resposta de um dos participantes:

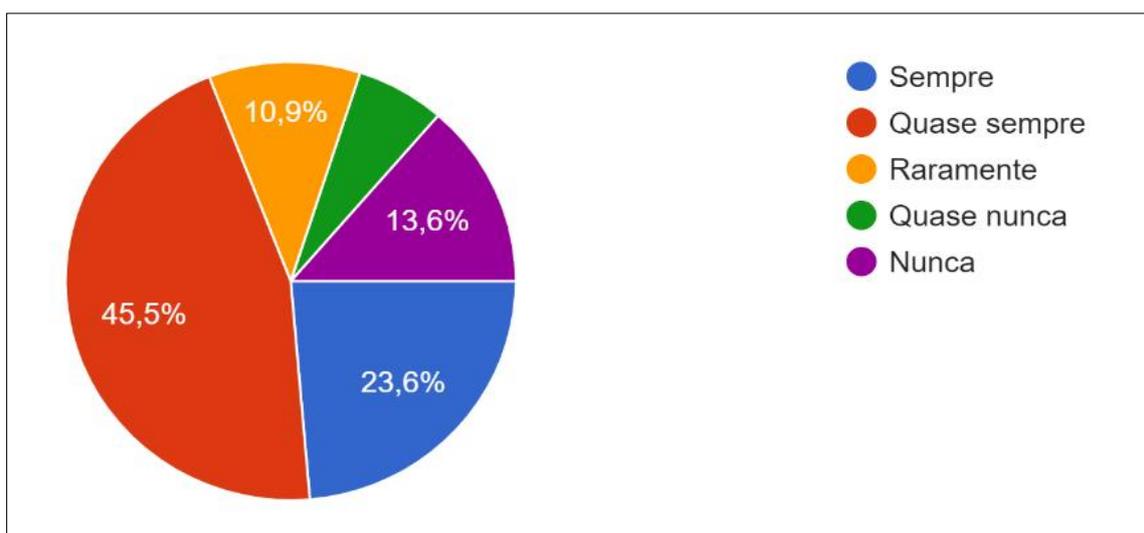
Tenho urticária crônica e sempre ela aparece quando estou muito nervosa para falar em público, além de está sobrecarregada com trabalhos, provas e textos. Tudo isso

devido ao estresse e/ou preocupação e principalmente minha timidez em falar em público.

Os dados demonstram que a ocorrência do adoecimento ou seu agravamento pode se dá por meio da relação do sujeito com o meio, nesse caso o acadêmico, como discutido por Pontes (2018) ao relatar que as reações dos estudantes se dão no seu contato com os diversos estímulos estressores presentes no período de formação, desencadeando diferentes problemáticas. Essas problemáticas podem ser principalmente, segundo Fernandes *et al.* (2018), relativas à sintomas depressivos e sintomas ansiosos.

Após os apontamentos feitos sobre os transtornos, doenças ou síndromes apresentadas, buscamos compreender se houve relação entre o quadro de adoecimento dos estudantes e as demandas advindas da graduação. O gráfico a seguir ilustra as respostas obtidas a partir desse questionamento:

**Gráfico 5 - Relação entre o quadro de adoecimento e as demandas da graduação**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

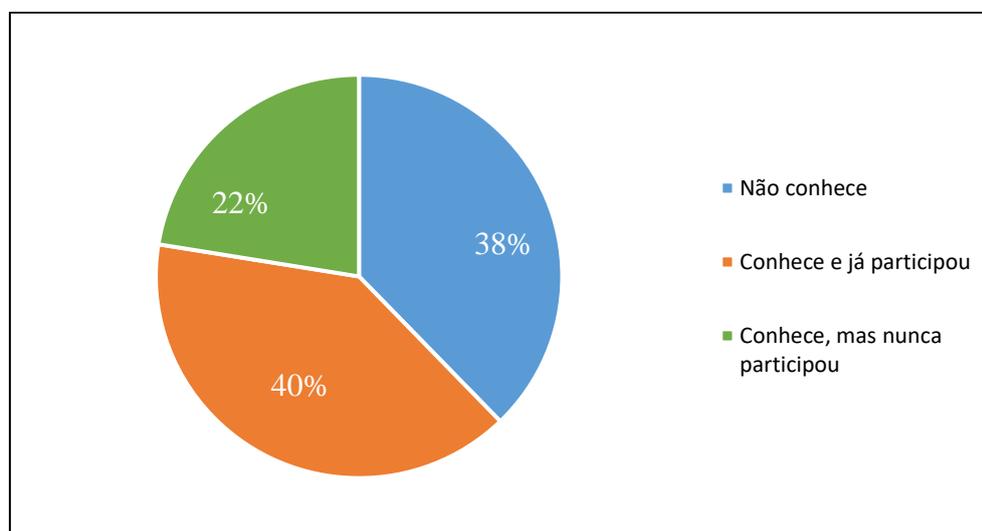
Percebemos, a partir do gráfico, que 45,5% dos estudantes acreditam que quase sempre os sintomas de adoecimento apresentados estão relacionados às exigências oriundas da graduação. 23,6% consideram que o quadro de adoecimento sempre está ligado às demandas acadêmicas, enquanto 13,6% acreditam que o adoecimento nunca está ligado às atividades universitárias. 10,9% afirmam que raramente as exigências acadêmicas estão relacionadas ao índice de adoecimento, enquanto 6,4% acreditam que quase nunca esses dois fatores estão relacionados.

O número de estudantes que acreditam que existe uma ligação entre o surgimento de adoecimento e as demandas é grande e pode comprovar a existência de uma possível relação entre as duas dimensões, partindo do pressuposto de que as intensas exigências advindas da formação profissional têm repercussões graves para a saúde física e mental dos estudantes.

Esses fatos demonstram que o adoecimento discente pode ocorrer em meio ao processo de graduação, como aponta Santos (2018) ao discutir que a ansiedade, o estresse, a depressão e outras problemáticas podem ser resultantes do sofrimento discente. Além disso, apoiadas pelas discussões de Ventura (2018), consideramos que as demandas do contexto acadêmico refletem nos indícios apresentados pelos participantes da pesquisa, que demonstram o desgaste físico e psicológico dos estudantes durante a graduação.

Considerando que os estudantes podem buscar apoio da universidade em caso de adoecimento, buscamos compreender se os participantes conhecem os serviços ofertados pela universidade em relação à saúde. A quantidade de participantes que conhece os serviços ofertados pela universidade e já participaram corresponde a 40%, enquanto 38% não conhecem e 22% conhecem e não participaram, como observamos no gráfico 6:

**Gráfico 6 - Conhecimento ou participação em relação à ação ou serviço ofertado pela universidade em relação à saúde**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

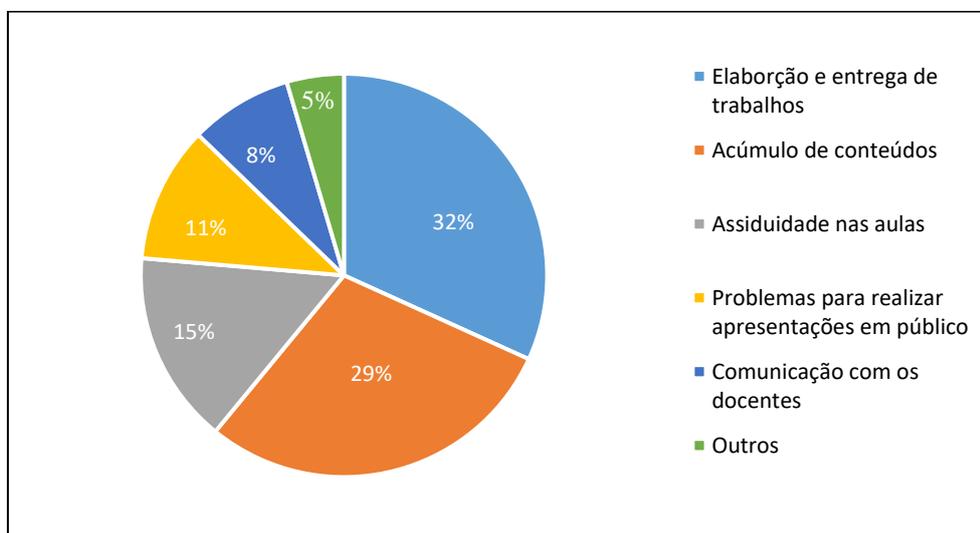
Ao questionar quais são os serviços que os estudantes conhecem, foram citados como resposta o atendimento psicológico, alguns seminários, debates e eventos, tratamentos odontológicos, atividades físicas, Programa Esporte na UFAL, Grupos de Pesquisa sobre Saúde Mental, acolhimento da PROEST, palestras promovidas pelo CAPED e algumas extensões.

Cabe destacar que a quantidade de participantes que não conhece nenhuma ação ou serviço é significativa, pois quase iguala-se à porcentagem de participantes que conhecem e participaram de alguma ação. Esse fato chama atenção para a divulgação das ações e serviços ofertados, que ao considerar os relatos dos participantes em não conhecer, sinalizam uma necessidade de aumentar a divulgação e torná-la mais significativa.

Além disso, houve uma porção significativa de participantes que sinalizaram conhecer o serviço, mas não participaram, surgindo relatos como: “conheço, porém não consegui entrar por conta da burocracia” e “já ouvi falar e até procurei atendimento psicológico, mas, não cheguei a participar”. Esses registros possibilitam perceber que há necessidade de ações que facilitem esse acesso, visto que há procura por esses serviços e eles são importantes na tentativa de não permitir que o quadro de adoecimento se instale ou agrave no âmbito acadêmico.

Diante dessas questões, é importante sinalizar quais as problemáticas que surgem desse processo e suas consequências para o desempenho acadêmico. Por esse motivo, questionamos aos participantes quais as maiores dificuldades que enfrentaram e/ou enfrentam na graduação quando estavam e/ou estão passando por período(s) de adoecimento.

#### **Gráfico 7 - Maior dificuldade enfrentada na graduação durante período de adoecimento**



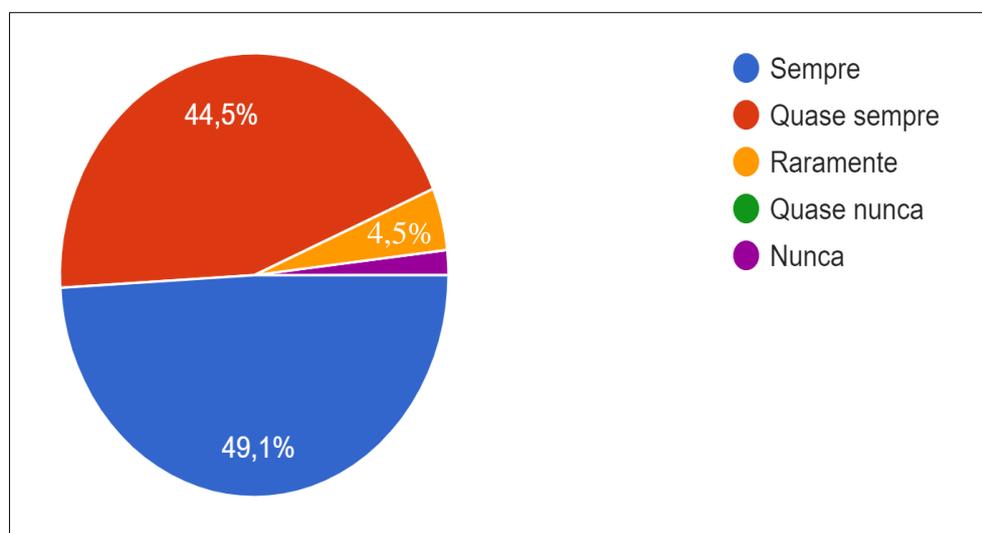
Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

Segundo os participantes, a maior dificuldade é com a elaboração e entrega de trabalhos, equivalente a 32% das respostas. O acúmulo de conteúdos vem logo em seguida, correspondendo a 29% das opiniões dos estudantes. O terceiro problema mais citado é a assiduidade nas aulas, que equivale a 15% das respostas. Em seguida, 11% dos participantes tiveram problemas para realizar apresentações em público. Por fim, 8% dos estudantes afirmam

terem problemas de comunicação com os docentes. Estudantes que citaram outras alternativas compõem os 5% restantes, entre elas estão: dar atenção exclusiva às aulas sem pensar nas atividades que precisam ser feitas, isolamento em público e elaboração de apresentações.

Ao considerar o adoecimento discente e as dificuldades que podem surgir referentes a esse processo, buscamos compreender se essas problemáticas podem interferir no fluxo (padrão ou individual) dos estudantes, visto que a incidência nesse processo pode acarretar um possível atraso na formação dos participantes, sendo um aspecto que merece atenção. Os resultados obtidos foram:

**Gráfico 8 - Influência do quadro de adoecimento no fluxo (padrão ou individual) do curso**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

A porcentagem de participantes que consideram a interferência no processo de adoecimento na permanência no fluxo padrão foi de 49,1%, seguido por 44,5% que consideram a incidência do quadro de adoecimento quase sempre no fluxo. 4,5% dos participantes consideram que raramente influi e 1,8% relataram não considerar que há influência. Nenhum participante considerou haver relação entre esses processos. Esses dados podem mostrar indícios de possíveis evasões, visto que o adoecimento pode trazer prejuízos para o cumprimento das exigências acadêmicas, como discutido por Sonnenhol e Comiotto (2019) ao definir como uma das causas da evasão as dificuldades acadêmicas.

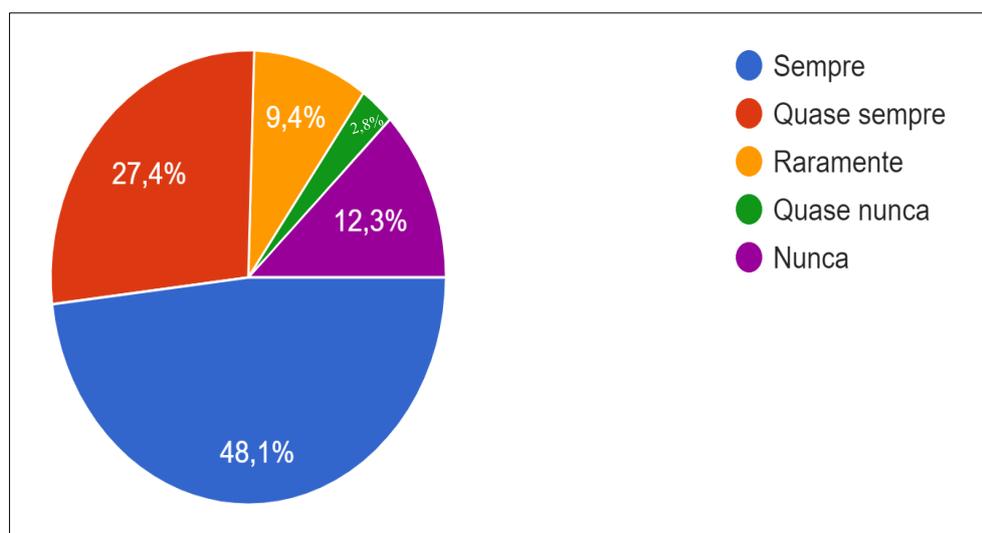
Alguns estudantes sentem muitas dificuldades de permanecer no fluxo padrão em meio às múltiplas dimensões acadêmicas. Os resultados da pesquisa apontam que há uma relação entre esses dois aspectos e, como ressaltado por Sonnenhol e Comiotto (2019), devem ser refletidos no meio acadêmico com a finalidade de evitar evasão. De modo geral, permanecer

no fluxo padrão demanda uma sobrecarga de tempo, disciplina e atenção quase que exclusiva para a academia, situação que impossibilita os estudantes estarem em sintonia com outras dimensões de sua vida.

### 4.3 Relação entre mercado de trabalho e adoecimento

Ao questionarmos sobre a influência do mercado de trabalho no desempenho acadêmico dos estudantes, os participantes mostraram-se adeptos da crença de que sim, o mercado influencia no desempenho acadêmico. Cerca de 48,1% dos estudantes acredita que essa influência é contínua e sempre ocorre, 27,4% acreditam que ela ocorre quase sempre, enquanto 12,3% não acreditam que essa influência exista. Os estudantes que acreditam que a influência não ocorre quase nunca compõem os 2,8% restantes. Esses dados podem ser verificados no gráfico 9:

**Gráfico 9 - Influência do mercado de trabalho no desempenho acadêmico**



Fonte: Sistematização dos dados da pesquisa.

A formação profissional tem como objetivo primário a preparação para o mercado de trabalho. Nesse sentido, como discutido por Guimarães (2014), o estudante universitário precisa dedicar-se para acompanhar os conteúdos e dar conta das demandas acadêmicas, de modo que possa garantir seu espaço no mercado por meio de qualificações. Entretanto, muitos estudantes universitários encontram-se inseridos no mercado durante o seu período de graduação, em alguns casos, até antes dele.

Através de empregos informais e estágios, os estudantes dividem seu tempo entre a demanda do mercado e a demanda universitária, assim ficando sem tempo para se dedicar a quaisquer atividades de lazer e descanso. Segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) dos Institutos Federais de Ensino Superior (IEFES) (2019), o percentual de estudantes trabalhadores (formais e informais) em 2014 era de 35,3%, esse percentual teve uma queda em 2018, representados por 29,9% dos estudantes atuantes no mercado de trabalho, enquanto 40,6% não trabalhavam, no entanto, estavam em busca de empregos.

A ascendência ao nível superior de ensino traz consigo o desejo de independência financeira, que leva os estudantes da comunidade universitária a procurarem por empregos, e quando o encontram, torna-se cada vez mais difícil lidar com as demandas das esferas acadêmica e de trabalho. A conciliação dessas demandas é fundamental para que a saúde mental e física dos estudantes seja conservada, de modo que eles não se sintam sobrecarregados e com emoções negativas.

É válido apresentar a discussão de que na realidade da classe trabalhadora é quase inevitável a juventude não inserir-se no mercado de trabalho, uma vez que as demandas pessoais requerem condições financeiras. Em algumas situações, os estudantes para se manterem no curso necessitam trabalhar, pois são oriundos de famílias da classe trabalhadora, a qual, muitas vezes, não conseguem suprir todas as carências financeiras dos estudantes. Assim, restam-lhes entrar no mercado de trabalho com a finalidade de alcançar as questões básicas de sobrevivência como locomoção, alimentação, xerox, entre outros aspectos.

#### **4.4 Fatores do adoecimento discente: as vozes dos participantes**

A pergunta 12 do questionário, teve como objetivo conhecer a compreensão dos participantes sobre os fatores que envolvem o processo de adoecimento discente, assim como os motivos que podem estar associados à causa dele, considerando as experiências e vivências dos estudantes no *lócus* da pesquisa.

As respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa elucidam que, o adoecimento pode estar relacionado de forma especial às demandas acadêmicas do curso, mas esses estudantes evidenciaram outros fatores que também estão correlacionados ao processo de adoecimento e que ocorrem de forma simultânea. Os principais destaques foram sistematizados no quadro 2:

**Quadro 2 - Principais fatores/motivos que podem causar o adoecimento discente**

<b>Fatores que influenciaram o adoecimento discente</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
Mais de um fator	56
Demandas acadêmicas	36
Questões pessoais	7
Relação professor-aluno	6
Questões institucionais	2
Estresse	2
Educação básica	1
<b>TOTAL</b>	<b>110</b>

Fonte: Sistematização das autoras.

Em maior evidência, apresentam-se as respostas que apontam que o adoecimento discente, na opinião dos participantes, pode ser causado por mais de um fator. Os relatos desses participantes contemplam fatores conjuntos como: o acúmulo de demandas acadêmicas, questões de cunho pessoal e familiar, dificuldades relativas à permanência na universidade, dificuldades de relacionamento e comunicação com os professores, dificuldades com o calendário institucional, dificuldades financeiras, ansiedade, depressão, cansaço mental, insônia, dificuldade em atender às demandas pessoais, profissionais e acadêmicas, mercado de trabalho, ausência de momentos de descanso e lazer, carga horária de estudos, pouco tempo de recesso ou férias e o estresse oriundo das demandas pessoais e acadêmicas.

As demandas acadêmicas, como um fator isolado, foram citadas 36 vezes pelos sujeitos da pesquisa. Seus relatos evidenciaram situações em que a sobrecarga de atividades acadêmicas e a alta quantidade de conteúdos e disciplinas podem ser as principais causas do adoecimento entre os estudantes, como destacado nas respostas dos estudantes: “Super demanda de conteúdos e acúmulo de seminários e trabalho, tudo em uma única semana basicamente.”, “A demanda de trabalhos influencia muito, principalmente quando acontecem vários na mesma semana.”, “Excessos de conteúdo.”.

A grande quantidade de demandas acadêmicas apresenta-se como um dos principais motivos para o adoecimento dos discentes, seguido diretamente pelo estresse e ansiedade, que se configuram como consequências das exaustivas exigências de produtividade que parte da instituição universitária, como destacado por Ventura (2018) em seus estudos.

Também foi apontado como um dos fatores que podem causar o adoecimento discente a questão da formação advinda da Educação Básica, que diverge bruscamente da estrutura do Ensino Superior, como ressaltado por Guimarães (2014). Esse é um fator que revela uma precariedade no sistema de educação, que não configura-se de forma que prepare o aluno para as próximas etapas causando lacunas para a formação, assim como uma dificuldade para adaptação do aluno a essa nova realidade. Essa dimensão pode ser vista quando um dos participantes respondeu: “a falta de igualdade na questão da formação anterior a Universidade” ao questionamento sobre as possíveis causas do adoecimento discente, sinalizando os desafios de acompanhar as demandas acadêmicas.

Além disso, podemos citar como fator que influencia diretamente esse processo a expansão das vagas nas universidades, como ressaltado por Leal *et al.* (2019) que aponta um maior ingresso das minorias no Ensino Superior, facilitadas pelas políticas de democratização a partir dos anos 2000 e políticas afirmativas.

A estrutura do Ensino Superior, quando configurada, foi apoiada em um modelo de aluno, mas posteriormente ao atender uma maior heterogeneidade dentro do ambiente acadêmico houve o surgimento de novas demandas a serem atendidas que acabaram afetando os estudantes. Percebemos que a universidade precisa adaptar-se aos novos alunos, no entanto, ocorre o processo contrário acarretando em dificuldades de diferentes naturezas ao aluno recentemente ingresso, como discutido nos estudos de Venturini e Goulart (2016).

Apesar das tentativas de atender ao novo público, é visto que a universidade requer, segundo Latorre (2018) um perfil universitário, que exige dos estudantes como ressaltado por Ventura (2018), a dedicação, privação, apropriação de uma linguagem acadêmica, adaptação à novos grupos, culturas e metodologias. Esse processo ocasiona nos estudantes sentimentos diversos que podem levar ao adoecimento.

O estresse, terceira categoria mais citada pelos estudantes que participaram da pesquisa, aparece não somente como causa, mas também como sintoma do adoecimento entre os discentes. A grande maioria das respostas alia o estresse a outros fatores, de forma especial às demandas acadêmicas e questões de cunho pessoal. O estresse pode estar ligado também a fatores biológicos, como falta de sono, problemas alimentares, entre outros. Também podemos considerar a exigência de que o aluno comporte-se dentro dos limites do dito perfil universitário, termo designado por Latorre (2018), como um dos fatores que podem causar o estresse. Os principais relatos que se relacionam ao estresse como fator de origem do adoecimento são os seguintes: “Acúmulo de coisas da faculdade que se misturam com a vida

pessoal, o cansaço, estresse, ansiedade, entre outros.”, “Poucas horas de sono, devido à demanda de trabalhos acadêmicos, estresse e má alimentação.”.

Os estudantes também apontaram assuntos relativos à instituição universitária como possíveis causas de um quadro de adoecimento. Uma das principais questões é a quantidade de turmas e disciplinas por semestre, pois, muitos estudantes acabam precisando cursar mais disciplinas do que a carga horária semestral obrigatória exige. Muitas vezes, buscando cursar as disciplinas pendentes, os graduandos acabam cursando mais disciplinas do que conseguem dar conta, tentando retornar ao fluxo padrão, enquanto sobrecarregam-se com a grande quantidade de conteúdo.

As respostas obtidas na questão 12 partem, de forma muito particular, da experiência acadêmica de cada estudante, como ressaltado por Pontes (2018) ao discutir que as reações frente a um estímulo estressor variam de acordo com o sujeito. Porém, grande parte das respostas mostra-se similar, o que pode comprovar que a vivência acadêmica dos estudantes apesar de ser única e se concretizar de forma diferente, apresenta semelhanças que quase sempre configuram-se da mesma forma.

Outro fator ressaltado pelos sujeitos da pesquisa referentes às questões institucionais foi o calendário acadêmico. Em virtude das greves de 2012, a UFAL tem buscado a regularização do calendário acadêmico (que estava atrasado em um semestre)<sup>13</sup> através da realização de três semestres ao longo do ano. Porém, por conta da necessidade de regularização, os semestres têm se tornado cada vez mais curtos, o que torna necessário o adiantamento de conteúdo, provas e trabalhos, tornando os prazos cada vez mais apertados.

O intervalo entre os semestres também tornou-se mais curto, principalmente para os estudantes que precisam realizar reavaliações e provas finais, chegando a no máximo duas semanas para que os estudantes possam recuperar as energias, o que na prática não acontece, visto que eles possuem suas demandas pessoais e muitos trabalham para garantir sua permanência na universidade. Esse intervalo, que deveria ser usado para que os estudantes pudessem realizar atividades de lazer, acaba sendo insuficiente para satisfazer às necessidades psicobiológicas ressaltadas por Silva e Heleno (2012), desses estudantes, o que contribui para o aumento de emoções negativas.

Os estudantes também salientam os períodos interrompidos, geralmente pelas férias de dezembro e janeiro, em que o semestre é pausado para as comemorações natalinas e os

---

<sup>13</sup> Atualmente, por conta da Pandemia da Covid-19, a UFAL está atrasada dois semestres.

estudantes só retornaram a partir da metade do mês de janeiro, o que acaba quebrando o ritmo de estudos que já havia sido estabelecido para dar andamento ao semestre.

Esse “período de férias” dentro do semestre também mostra-se conturbado por outros fatores, pois os estudantes não estão em um período de férias propriamente dito, visto que há uma sensação de alerta em que os alunos não conseguem desvincilhar-se do cenário universitário e estabelecer o relaxamento nesse intervalo, além disso, o retorno traz consigo a realização de trabalhos acadêmicos e provas, exigindo dos alunos que estudem no tempo que seria destinado ao recesso.

Essas situações estão presentes nos seguintes relatos sobre os fatores que podem causar o adoecimento discente: “Pressão por conta do calendário apertado (...)”, “As condições para desenvolver os trabalhos (relatórios) são espaços curtos (...)”, “A quantidade de disciplinas para dar conta em um curto período de tempo.”, “O acúmulo de atividades, o calendário estreito para organização do mesmo, e o não cumprimento de férias.”, “A concentração de conteúdos e atividades em um curto período de tempo, além dos períodos que são interrompidos para férias devido à regularização do calendário, de forma que sempre voltamos às aulas um pouco fora do ritmo.”, “Muitos conteúdos em curto prazo, trabalhos constantes e pouquíssimo tempo de recesso de um período para o outro.”, “Acúmulo de conteúdos, grande exigência em curtos períodos de tempo (...)”, “Cumprir o calendário acadêmico.”, “Muita coisa em pouco tempo.”, “Quantidade de leituras e trabalhos semanais, e a pressão, decorrentes de semestres com 4 meses de duração.”, “Sobrecarga de trabalhos acadêmicos em semestres encurtados.”, “A grande quantidade de disciplinas, por semestre.”, “Quantidade abusiva de atividades solicitadas no decorrer do semestre com um prazo muito curto para a realização destas.”.

Além desses fatores, os estudantes, por meio dos relatos, também chamaram atenção para a quantidade de demandas que são exigidas ao fim dos semestres letivos que acabam sobrecarregando-os ao retornar em um novo semestre, pois o período de descanso é curto e isso influencia no rendimento e no desempenho em diferentes esferas de sua vida. Esse fator é ressaltado em um dos relatos dos participantes da pesquisa a seguir: “a quantidade de atividades solicitadas no final do período. Geralmente, os professores deixam para cobrar resultados ao final do período, o que nos deixa sobrecarregados”, reafirmando a relação entre demandas acadêmicas e sobrecarga.

Dado os expostos, podemos entender que o intervalo de férias entre os semestres acadêmicos é importante para toda a comunidade universitária, em especial para a estudantil. Não apenas por conta do período de descanso, mas também por se tratar de um tempo para o estudante desligar-se um pouco do ambiente acadêmico, que muitas vezes mostra-se

competitivo, denso e hostil. É necessário que haja um equilíbrio entre os momentos de descanso e aqueles voltados para atender às demandas acadêmicas.

Essa falta de equilíbrio entre esses momentos presente em vários dos relatos dos participantes da pesquisa pode causar o adoecimento discente ou agravá-lo, como ressaltado por Silva e Neto (2014, p. 50) “algumas doenças, agressões exógenas, excesso de trabalho, fadiga física e psíquica, e outros problemas devastam o equilíbrio mental, tornando-o angustiado, deprimido, nervoso e neurótico”.

Por esse motivo, percebemos que a instituição precisa traçar planos que assegurem aos estudantes períodos de recesso que permitam a recuperação do bem-estar, assim como durante todo o semestre, pois essas estratégias possibilitam uma melhora nas condições de qualidade de vida dos alunos, como ressaltado por Silva e Heleno (2012).

Para além das questões ligadas diretamente à universidade, os alunos apontaram nas respostas ao questionário as questões pessoais como influenciadoras no processo de adoecimento, como exposto nos trechos a seguir: “cotidiano familiar”, “demanda intensa do dia a dia”, “horas em frente ao computador/celular, perda do sono, má alimentação etc.”, “dormir tarde e acordar cedo. Excesso de atividades a fazer”, “pressão, cobrança interna e externa”, “imunidade baixa”, “problemas pessoais que impedem o foco acadêmico, etc.”, “sobrecarga da rotina, falta de tempo para lazer e descanso”, “má alimentação. Poucas horas de descanso”, “imunidade baixa devido à pressão da rotina e responsabilidade”, “cansaço mental, ansiedade, má alimentação”, “relacionamento interpessoal”.

As situações apontadas mostram a realidade de sujeitos que para além de estudantes são também pessoas que estão passíveis de enfrentar problemáticas de diferentes naturezas, pois essas dificuldades independem do contexto acadêmico. Os participantes estão inseridos em uma cultura familiar, social, política e econômica que atravessa toda sua existência, interferindo no processo de permanência e desempenho no ambiente acadêmico.

Devido as altas demandas do espaço acadêmico, além das particularidades dos contextos pessoais de cada sujeito, também são visíveis os desafios que a academia imprime de forma constante na vida pessoal, estudantil e profissional. Esses elementos podem incidir na qualidade de vida dos sujeitos, no processo de compreensão do mundo e na solidificação de sua identidade, como discutido por Anversa *et al.* (2018) ao citar as exigências do ambiente universitário, a busca de consolidação da identidade e as incertezas como fatores que incidem na qualidade de vida do estudante.

Por esse motivo, entendemos que a esfera pessoal do estudante apresenta um papel significativo no processo de adoecimento, pois requer esforços que atendam às demandas

diversas da esfera pessoal de forma simultânea as apresentadas pelo cenário acadêmico. É importante analisar o seguinte relato referente à autoimposição na tentativa de compreender de forma mais clara as nuances presentes na realidade do estudante que está inserido em um sistema social, cultural, político e econômico para compreender melhor o processo de adoecimento, como é sinalizado no depoimento “a alta cobrança individual de achar que podemos ser pessoas polivalentes o tempo todo, em vários aspectos de nossas vidas”.

Inicialmente, é possível perceber que há uma tentativa constante de atender às diversas demandas presentes no contexto em que o estudante está inserido. Podemos inferir que a “alta cobrança individual” mostra uma possível busca por ascensão social, visto que a universidade é um ambiente que vem tornando-se, cada vez mais, um caminho de possibilidade para a modificação da realidade dos sujeitos.

No trecho “achar que podemos ser pessoas polivalentes o tempo todo” retoma o aspecto de atender às diversas necessidades que seu contexto apresenta, atividades que o sujeito se comprometeu em realizar e para além disso, mostra também certo cansaço frente esse cenário. Outra dimensão a ser analisada é a ênfase no aspecto “o tempo todo”, possibilitando a percepção de que não se pode atender às questões que surgem nos contextos de forma desejada, pois há possibilidade do aparecimento de esgotamento mental e físico, sensação de incapacidade e angústia, trazendo consequências comprometedoras à saúde e qualidade de vida, como discutido por Silva e Heleno (2012).

Acerca da relação professor-aluno, foi possível perceber que houve indícios de que, na maioria dos casos, o relacionamento entre os sujeitos encontra-se prejudicado, desta forma, como apontado pelo número de respostas, esse é um fator que contribui para o adoecimento discente, assim como para o seu agravamento.

As principais problemáticas apontadas são referentes à comunicação entre docente e discentes, fator que impossibilita uma participação ativa do estudante e imprime sentimentos de medo, angústia e incapacidade. A falta de comunicação acaba por distanciar de forma expressiva a relação entre os sujeitos, que de acordo com Latorre (2018) acaba por caracterizar o professor como detentor do saber e o aluno como receptor. Esse fator pode ser visto nos relatos: “problemas na comunicação entre professores e alunos”, “alguns professores que se mostram resistentes ao diálogo”, “falta de comunicação e empatia por parte dos professores”, “dificuldade de negociação com docentes”.

As respostas dos estudantes também demonstram atitudes autoritárias ou abusivas por parte de alguns docentes, que se mostram relacionadas à metodologia adotada e sua postura diante da turma, sem considerar a realidade dos alunos ou até mesmo suas opiniões, além disso,

são relatados abusos psicológicos. O posicionamento do docente frente à mediação entre o conteúdo e os alunos pode dificultar a aprendizagem, assim como desencadear o adoecimento discente, como discutido por Latorre (2018) ao tratar do abuso de poder e das altas exigências realizadas por docentes como facilitadores desse processo.

Esses fatores mencionados podem ser constatados a partir dos relatos: “professores abusivos”, “professores que não nos enxergam como seres humanos, mas apenas como alunos. Sem falar no assédio psicológico de alguns docentes”, “muita pressão por parte dos professores, falta de apoio e suporte dos mesmos”, “muita cobrança por parte dos professores”, “docentes que não têm consideração pelos discentes”, “professores que pressionam o aluno nas atividades dele e esquecem que são várias matérias, várias atividades”, “atitude autoritária de alguns docentes”, “a cobrança exagerada de alguns docentes”, “pouca compreensão por parte dos professores”, “pressão psicológica ocasionada por metodologias de professores”, “excesso de atividades propostas pelos docentes”, “trabalhos mais complicados e pouca explicação do professor”, “pressão desnecessária por parte de alguns professores”.

Os participantes também apontaram a falta de organização dos professores como um elemento que prejudica o andamento da disciplina, causando sobrecarga nos estudantes. Foi possível verificar que há uma alta demanda que o docente exige do aluno, mas que muitas vezes ele mesmo não consegue atender. Esse processo pode ser visto a partir dos relatos: “(...) geralmente os professores deixam para cobrar resultados ao final do período, o que nos deixa sobrecarregados.”, “(...) falta de organização de alguns professores com as disciplinas (...)”, “As condições para desenvolver os trabalhos (relatórios) são espaços curtos e algumas vezes desassistidos pelos professores. (...)”.

Ao considerar as dificuldades postas pelos alunos em relação ao calendário institucional, podemos perceber que a diminuição do tempo de um semestre pode refletir na conduta do docente frente às demandas que a disciplina exige, tornando o andamento da disciplina um processo árduo para o docente frente à quantidade de alunos para atender e os prazos para executar os processos avaliativos. Esses fatores ocasionam uma sobrecarga tanto para o aluno quanto para professor, mas é preciso que o docente pondere se é mais significativo para o processo de ensino-aprendizagem a quantidade ou a qualidade dos conteúdos e processos avaliativos.

A busca por resultados significativos apenas no fim do semestre desconfigura o propósito formativo, considerando que o conhecimento é produzido ao longo do processo. Por esse motivo, é importante ressaltar que alguns instrumentos avaliativos não são capazes de resgatar os conhecimentos produzidos e acabam por trazer prejuízos para o andamento da

disciplina e o distanciamento do propósito avaliativo. A grande quantidade de demandas pode não refletir o verdadeiro resultado e acaba por colocar o docente como um medidor de conteúdos e não avaliador.

Muitas das respostas fornecidas pelos graduandos refletem que mais de um fator pode causar o adoecimento discente. A maioria dos fatores que pode estar presentes nesse processo já foram citados anteriormente em outras categorias discutidas. O relato que chama atenção por expressar a forma em que essa confluência age na realidade do estudante é o relato a seguir:

Em meu caso, o que aconteceu foi a tentativa de conciliar a demanda do estágio não obrigatório, com as atividades acadêmicas obrigatórias e as demais atividades não obrigatórias da Universidade para conseguir certificado para o currículo lattes, devido querer entrar na pós-graduação. O que gerou uma forte ansiedade, saí do estágio não obrigatório, mas a ansiedade persistiu pois acabei me dedicando mais as demais atividades não obrigatórias da Universidade (PIBIC, Monitoria, Aulas de língua estrangeira...) junto às atividades obrigatórias.

O relato expressa a pluralidade de questões que permeiam o cotidiano estudantil. O desafio de conciliar as demandas não-obrigatórias (no caso do participante acima, estágio) com as demandas oriundas da graduação e outras atividades proporcionadas pela universidade (sendo de cunho obrigatório ou opcional), que visam agregar certificados e experiências ao currículo do estudante, atrelado ao acúmulo de compromissos acabou gerando ansiedade e este graduando acabou tendo que optar por abandonar uma determinada atividade para que pudesse dedicar-se mais às atividades proporcionadas pela universidade.

Relatos de experiência como o que foi exposto, apontam mais de um fator que atuam como facilitadores do adoecimento discente e atestam que a dinâmica do adoecimento entre os estudantes pode estar ligada a uma pluralidade de acontecimentos que envolvem tanto a esfera acadêmica quanto a esfera pessoal da vida desses indivíduos, embora os resultados gerais demonstrem que a ideia de que o adoecimento está intimamente ligado a quantidade de demandas acadêmicas mostre-se difundida entre os participantes da pesquisa.

#### **4.5 Vivências que levam ao adoecimento discente**

O objetivo desse tópico é compreender quais vivências estão atreladas ao adoecimento discente. Considerando que esse é um processo delicado, refletimos que, muitas vezes, falar sobre o assunto pode revelar como uma experiência libertadora, mas também pode ser uma experiência traumática. Na questão 13 do questionário, solicitamos que os participantes da pesquisa compartilhassem alguns episódios que viveram durante a graduação, que poderiam ser vistos como causas e motivos do adoecimento. O quadro 3 apresenta, de forma sucinta, os

principais fatores que influenciaram os episódios de adoecimento vivenciados pelos participantes:

**Quadro 3 - Vivências que causaram ou poderiam causar o adoecimento discente**

<b>Fatores que influenciaram o adoecimento discente</b>	<b>Quantidade de respostas</b>
Relação professor-aluno	28
Demandas acadêmicas	19
Questões pessoais	7
Mais de um fator	6
Mercado de trabalho	2
Dificuldade financeira	1
<b>TOTAL</b>	<b>63</b>

Fonte: Sistematização das autoras.

A partir do quadro 3, podemos observar que a maioria dos participantes da pesquisa viveu experiências em que dificuldades na relação professor-aluno acabaram influenciando em sua saúde mental e física. Outra questão, que também deve ser destacada, são as demandas acadêmicas que acabam influenciando não apenas na saúde dos estudantes, mas também no desempenho acadêmico.

A estrutura em que é regida a universidade acaba incidindo nos estudantes algumas situações que infligem a saúde e o bem-estar, como a pressão em relação à prazos, quantidade de atividades e leituras a serem desenvolvidas, fazendo com que, em muitas situações, haja desconforto emocional, podendo ocasionar ou agravar o quadro de adoecimento discente. Desse modo, é válido destacarmos que o cuidado com a saúde física e mental faz-se necessário, uma vez que as demandas acadêmicas limitam o tempo dos graduandos.

Em um dos relatos dos participantes da pesquisa encontrou-se a seguinte situação “Já tivemos uma docente que elaborava algumas provas que tinham conteúdos que não haviam sido mencionados em sala e, a mesma não cumpriu o prazo das postagens das notas, o que resultou em crises de ansiedade em uma boa parte da turma, inclusive eu.”. Esse depoimento, assim como outros, apontam para a complexa relação entre docentes e discentes, em que o docente acaba se utilizando de seu *status* hierárquico na academia para realizar cobranças exacerbadas, podendo influenciar no adoecimento do estudante pela exigência de modificação em seu estilo de vida em busca de resultados acadêmicos satisfatórios.

Os relatos também apontam que muitos estudantes já sofreram situações que poderiam ser evitadas por não terem atingido as expectativas de alguns docentes, o que acaba repercutindo na saúde do aluno. Os depoimentos revelam que as questões apresentadas pelos participantes são complexas e evidenciam a falta de empatia e disposição para contribuir com o processo formativo dos estudantes: “Um impasse com uma professora, onde ela não teve consideração por um projeto e riu do trabalho que pretendíamos desenvolver. Mas isso não impediu que fosse dado continuidade, apesar das palavras sem escrúpulos.”, “Professor que me deixou constrangida ao corrigir uma avaliação de maneira ríspida e humilhante. Fiquei muito arrasada e sofri com isso. Mas não desisti da disciplina e depois me pediu desculpas.”.

Também foi registrado o relato de um dos participantes da pesquisa que comprova a existência de situações de intimidação e tensão no ambiente acadêmico, que acaba por criar um clima hostil em que os alunos não sentem-se à vontade para socializar suas opiniões e posicionamentos em sala de aula, fator que de acordo com Latorre (2018) configura-se como uma situação de violência simbólica por parte do docente:

Em uma aula, todos tinham medo de abrir a boca porque o professor dava sempre uma resposta atravessada, então ninguém gostava de participar. No dia da aula a apreensão era grande. O professor corrigiu a prova e errou uma questão então fui falar com ele, ele me acusou de ter mudado a resposta. Eu falei que não e ele corrigiu mesmo não acreditando. Passei à base de muito chá de camomila. Outra vez arrastaram a cadeira na sala, ele logo gritou "parece que é doida, parece que não pensa". Experiências péssimas. Sendo que fora da sala ele é o rei da simpatia.

Diante das situações apresentadas, podemos perceber que é necessário repensar como as relações entre docentes e discentes são concretizadas no ambiente acadêmico, visto que os relatos obtidos pela pesquisa comprovam que, apoiadas na discussão de Latorre (2018), os discentes encontram-se vulneráveis ao desenvolvimento de doenças psicossomáticas advindas das cobranças excessivas de alguns docentes e sua inflexibilidade em relação às demandas, além de posturas abusivas com os alunos.

De acordo com Santos e Silva (2011), os docentes devem direcionar suas práticas de modo que seja superado o uso da soberba intelectual e do controle do estudante, para que o aluno torne-se protagonista de sua própria aprendizagem e não sinta-se intimidado dentro do ambiente acadêmico. Priorizando o respeito mútuo, Veras e Ferreira (2010) apontam que um ambiente em que o aluno tem a liberdade para posicionar-se e possui relações amistosas com seus professores pode tornar o aprendizado mais efetivo e prazeroso.

As relações que são estabelecidas em sala de aula necessitam ser em uma perspectiva horizontal, na qual todos tenham condições de participar, dialogar, evidenciar planos e projetos, sendo o docente uma figura de suporte e confiança para os estudantes, de modo que os alunos

sintam-se motivados e dispostos a colaborar com o processo de aprendizagem. No processo de ensino e aprendizagem, tanto docentes quanto discentes exercem papéis fundamentais para que a construção do conhecimento seja consolidada, assim como na efetivação da formação que é mútua, portanto, ressaltamos que o posicionamento vertical e opressivo é prejudicial nesse processo, assim como para o processo do adoecimento discente.

Entre as experiências estudantis mais comuns relativas ao adoecimento discente que foram vivenciadas pelos participantes da pesquisa, encontram-se, mais uma vez, a influência das demandas acadêmicas. Os relatos são preocupantes, os quais os alunos expõem a correlação entre as repercussões da alta quantidade de atividades acadêmicas com a saúde mental e física.

Os relatos mais alarmantes foram os seguintes: “No 6º período tive exigências demais das disciplinas, e como estava dormindo cerca de 3 horas por dia, desenvolvi uma dormência no rosto por cerca de dois dias.”, “Teve uma vez em uma das disciplinas de estágio supervisionado que a sobrecarga para a realização dos relatórios foi maior e passei algumas noites sem dormir direito, já que eu tive uma crise de ansiedade, acabei tendo dermatite pelo rosto, minha pele ficou descamando. Fora a insônia também.”, “Algumas colegas de turma apresentaram síndrome do pânico; depressão, ansiedade por conta das cobranças e excessos de atividades acadêmicas.”, “No 4º período tive tantas dores de cabeça que cheguei a fazer uma tomografia no crânio para saber se estava com algum problema neurológico.”.

Os depoimentos apresentados pelos estudantes são fortes e marcam expressivamente que algumas demandas acadêmicas, caso não sejam administradas corretamente, levam ao adoecimento discente ou ao agravamento desses quadros e acabam prejudicando o desempenho dos estudantes. Cabe sinalizar que em algumas situações, estar atento aos prazos e às atividades que surgem nas múltiplas disciplinas pode minimizar os efeitos das situações descritas pelos participantes. Outros relatos incluem não só a grande quantidade de demandas, mas também o curto prazo para atendê-las, causando angústia, ansiedade e pensamentos negativos nos estudantes.

Esses fatores são vistos nos seguintes relatos: “Já fui aluna de alguns professores que são adeptos a prática de cobrança demasiada de conteúdos num curto espaço de tempo, e quando os resultados nessas atividades não eram os esperados muitos estudantes ficavam angustiados e preocupados com a probabilidade de reprovação na disciplina. Eu, inclusive, já passei por essa situação.”, “Muitos textos e livros para ler em pouco tempo, tendo que apresentar o entendimento sobre as obras e com a sensação de que deveria ter tido um tempo maior para dar conta, pois a aprendizagem foi muito pequena, superficial. Causando sentimento de culpa, autocondenação, ansiedade, insônia.”, “Uma semana em que precisava entregar trabalhos,

estudar para provas e apresentar seminários. Tive crise de ansiedade.”, “Diante de uma semana de muitas demandas acadêmicas, provas, trabalhos, seminários, etc. Eu e algumas colegas tivemos uma crise de choro.”, Entrega de trabalho, na qual foi passado em curto tempo. Dormindo curto tempo resultando em enxaqueca.”.

A alta cobrança de conteúdos e atividades em um curto período afeta diretamente o rendimento dos graduandos, pois não há espaço necessário para dedicar-se aos compromissos acadêmicos da forma que se almeja e acaba sendo absorvido apenas o superficial dos conteúdos, como também exposto pelos relatos acima. É importante destacar que além das demandas acadêmicas os estudantes têm outras atividades em esfera pessoal, como família, emprego, projetos pessoais e, na maioria das vezes, diante das múltiplas exigências acadêmicas não é possível vivenciar as demais dimensões de forma significativa.

Nesse sentido, de acordo com os relatos dos estudantes, podemos reafirmar que o intenso nível de exigências em que o estudante está submetido pela universidade configura-se como causa ou fator agravante do adoecimento, pois os participantes da pesquisa afirmaram o surgimento de sintomas a partir do aumento dessas exigências.

Na esfera das questões pessoais, foram citados problemas como: “cobranças familiares” “trabalhar muito”, “dificuldade de falar em público”, “crises de ansiedade, desânimo, baixa produtividade, isolamento”, “má alimentação”, “a perda de um filho”, “dormir pouco”, “apresentação de trabalho”, “cursei 10 disciplinas em um período só” e “pessoas doentes frequentando a aula por medo de levar falta e não poder justificar por não ter atestado”.

Diante dos relatos, percebemos que há a existência dos fatores citados por Pontes (2018) que são físicos, psíquicos e relacionais, no sentido de que os participantes apresentaram problemas de cunho psicofisiológicos, assim como para se expressar diante dos colegas de turma e docente, assim como na relação com os sujeitos dentro e fora do ambiente acadêmico.

Para além dessas problemáticas, também há questões, que de acordo com Sonnenhol e Comiotto (2019), configuram-se como inerentes da vida acadêmica, que nos relatos aparecem como a ação de comparecer a aula mesmo estando doente. É garantido ao estudante o direito à falta perante a justificativa por meio de declaração médica, no entanto, há casos em que surgem problemáticas de tratamento que não há a necessidade da ida ao hospital. Além disso, a legislação (LDB/1996) garante ao estudante uma porcentagem de 25% de faltas na carga horária obrigatória de cada disciplina, mas esse fator pode acarretar problemas ao aluno referentes à perda de conteúdo ou de atividades avaliativas, levando-o a comparecer por receio de se prejudicar academicamente.

A situação apresentada que cita o fato de trabalhar como uma vivência que acarretou o adoecimento demonstra relação com o mercado de trabalho e suas exigências, pois muitos alunos necessitam realizar algum tipo de atividade remunerada para garantir sua permanência no ambiente universitário, visto que muitos deles não conseguem ser contemplados com os programas que ofertam bolsa como: BPG, PBP, PIBIC e PIBID fornecidos pela UFAL.

Além disso, a situação que relata a realização de dez disciplinas em um único semestre pode sinalizar uma tentativa de retorno ao fluxo padrão ou até mesmo de ingresso no mercado de trabalho de forma mais recente e com a formação completa, visto que estudantes não conseguem os mesmos direitos e valores referente à salário que um profissional formado. Por esse motivo, entendemos que se faz importante buscar garantir a permanência dos estudantes no ambiente acadêmico como ressalta Sonnenhol e Comiotto (2019), ao apontar a necessidade de atenção governamental para essa questão.

Segundo Cachoeira *et al.* (2016) a inserção do estudante no mercado de trabalho está presente na dinâmica do adoecimento discente, fatores percebidos nos relatos dos participantes da pesquisa. Diretamente ligado ao mercado de trabalho e dificuldades financeiras foram relatadas as problemáticas: “(...) estágio supervisionado infantil que é no turno manhã ou vespertino e o trabalho não libera.”, “(...) uma pessoa que conheço que estuda na UFAL pela manhã, e trabalha de tarde e de noite, não tinha tempo para estudar.”, “Não me autorizaram realizar um estágio remunerado e necessitava do dinheiro para ir às aulas. Dei entrada na UPA com enxaqueca e crises de choro.”.

De acordo com Ventura (2018), o mercado de trabalho fornece ao trabalhador um vínculo empregatício frágil ao aluno trabalhador e ocasiona um processo de precarização ao estudante, surgindo uma necessidade de adequação a essa realidade, assim como atender às demandas desse novo cenário. Segundo Fernandes *et al.* (2018), é nessa tentativa de conciliar o trabalho e a graduação que há o surgimento de sintomas de adoecimento do estudante, devido à necessidade de conciliar as demandas oriundas desses dois universos complexos.

É válido ressaltar que houve participantes da pesquisa que vivenciaram mais de um episódio relacionado ao adoecimento. Os relatos destes estudantes revelam situações como: “falta de estímulo por parte de professores e cobranças familiares”, “carga horária de trabalho intensa”, “estresse devido ao acúmulo de atividades”, “demandas das disciplinas”, “problemas pessoais”, “comentários oriundos de professores”, “julgamentos”, “falta de compreensão”, “demandas excessivas e complexas”, “incompreensão dos docentes”, “exigências altas”, “desrespeito com os estudantes”, “trabalhos pesados e excessivos”, “trabalhos e apresentações menosprezadas por docentes”, “junção de problemas acadêmicos com problemas pessoais”,

“falta de comunicação entre os professores”, “muitas entregas de trabalhos num mesmo período”.

A formação inicial é, ou deveria ser, um momento para realizar reflexões sobre o campo de atuação e sobre as posturas profissionais, para que se desenvolva a empatia com os estudantes e outras dimensões que favoreçam uma visão humanitária. No entanto, os estudantes, muitas vezes, encontram na prática docente, de alguns profissionais no ambiente acadêmico, um elemento de pressão acadêmica, em que é negligenciada a importância da relação dialógica e da mediação pedagógica como processos basilares para a concretização das aprendizagens.

As questões apresentadas pelos participantes configuram-se como dimensões importantes para serem discutidas, uma vez que são vivências cotidianas e podem prejudicar a saúde dos estudantes e o rendimento no processo de aprendizagem. Esses elementos favorecem a reflexão sobre a situação em que os estudantes encontram-se para que sejam traçadas estratégias na tentativa de minimizar a ocorrência e consequência desses processos de adoecimento durante a graduação, assim como para evitar situações que se perpetuem para além da conclusão do curso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica acerca do adoecimento discente faz-se necessária, em vista do aumento dos índices que atestam uma ascensão dos números de sujeitos afetados dentro do ambiente universitário por transtornos, doenças e síndromes, principalmente no âmbito psicológico. As discussões referentes a essa temática são capazes de despertar a reflexão entre os sujeitos que estão presentes no contexto acadêmico, assim como abrir espaço para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem aliado ao bem-estar do estudante ao traçar estratégias que busquem evitar o surgimento ou agravamento dos quadros de saúde dos estudantes.

Os estudos teóricos, com foco no processo do adoecimento discente em articulação às demandas acadêmicas, possibilitaram ampliar a visão acerca dessa dinâmica, revelando os elementos que podem compor o quadro de sintomas dos alunos, assim como os fatores que incidem nos contextos em que os estudantes encontram-se e que podem influenciar nesse processo.

Compreendemos, a partir dos estudos, que o graduando é afetado por diferentes esferas sociais e por esse motivo encontra-se vulnerável às dinâmicas complexas que corroboram para o desenvolvimento do adoecimento. Dentro do ambiente universitário o sujeito necessita adequar-se e atender às diversas demandas acadêmicas, como carga horária extensa e exigência de produtividade e dedicação, que em articulação às demandas externas à universidade levam o estudante a apresentar quadros sintomáticos de adoecimento.

Reunindo os dados coletados e as discussões advindas das pesquisas bibliográficas, consideramos que o adoecimento discente faz-se presente no dia-a-dia universitário, e que sua incidência acaba por prejudicar os estudantes no andamento das atividades acadêmicas. No contexto específico do CEDU/UFAL, buscamos compreender de que forma as demandas acadêmicas do curso de Pedagogia interferem no processo de adoecimento dos estudantes, assim como no processo de evasão. Assim, atestamos, por meio dos dados coletados, que a maioria dos casos de adoecimento ou agravamento do quadro apresentados, mostrou relação com as demandas da graduação.

Sendo o ambiente universitário afetado por dinâmicas socioeconômicas e políticas, ele é atingido ao mesmo tempo que afeta a sociedade, buscando atender às demandas do mercado de trabalho, assim como ofertar uma formação de qualidade aos alunos. Dessa forma, a universidade apresenta uma dualidade ao imprimir os valores e adversidades da sociedade capitalista em consonância com uma formação integral e libertadora, fator que pode contribuir

com o processo de adoecimento ou agravamento desse quadro apresentado pelos estudantes pelas exigências e princípios (competitividade, exclusão) desse cenário.

No entanto, é importante destacar que os quadros de adoecimento apresentados pelos estudantes envolvem diversos fatores, por esse motivo, compreendemos que o processo de adoecimento é plural e complexo, não sendo causado por questões isoladas, mas sim pela articulação entre fatores dos contextos socioeconômico, emocional e familiar de cada estudante, bem como suas condições para estudo e aproveitamento das atividades proporcionadas pela academia.

Em virtude do que foi mencionado, cabe ressaltar que as demandas acadêmicas configuram-se como um dos principais fatores que causam ou agravam o quadro de adoecimento apresentado pela classe discente. Os relatos obtidos, por meio da pesquisa, apontam que os estudantes sofrem de sintomas que vão do sofrimento psicológico e emocional até questões de cunho físico e biológico. Lidar com o intenso fluxo de demandas mostra-se um desafio, especialmente quando se é acometido por fatores sintomáticos de adoecimento, que muitas vezes inviabilizam o cumprimento das exigências acadêmicas.

Demandas de elaboração de artigos e seminários; bem como trabalhos escritos de outras ordens e relatórios de estágios; atividades advindas de programas como PIBIC, PIBID, RP e extensões; debates e discussões; provas; leitura diária dos textos das disciplinas e outros tipos de atividades acadêmicas que exigem esforço e realização em um curto período de tempo qualificam-se como elementos estressores para os estudantes, que podem vir a adoecer, e em muitos casos, como evidenciados pela pesquisa, apresentam sintomas de adoecimento.

É importante destacar que os dados obtidos revelaram que há expectativas relativas à formação continuada, levando os alunos a busca por um bom desempenho, atividades que complementam a formação inicial e a participação em ações como PIBIC para compor um currículo qualitativo e ampliar as possibilidades de realização da pós-graduação. Essa busca incessante pela melhor qualificação, tanto para exercer a profissão em cargos melhores, quanto para inserir-se em programas de pós-graduação, incide ao estudante uma quantidade de demandas que se torna de difícil de atender, diminuindo o rendimento e até mesmo provocando o adoecimento.

Para além dos fatores mencionados, houve incidências relativas à relação entre docentes e discente no processo de adoecimento. Os participantes citaram situações em que ocorriam abuso de poder, opressão, exigências exacerbadas e falta de apoio no desenvolvimento das atividades por parte de alguns dos docentes, causando nos alunos sentimentos como angústia, medo, vergonha e, até mesmo, desistência da disciplina. Esses fatores demonstram que a boa

relação entre professores e alunos são relevantes tanto para o processo de ensino e aprendizagem, quanto para que o ambiente dentro e fora da sala de aula seja permeado por respeito mútuo, parceria e bem-estar aos integrantes desse contexto, evitando o agravamento ou ocorrência do adoecimento.

Fatores de cunho social, como dificuldades familiares e econômicas, também apresentaram-se como grandes influências no surgimento e aumento desse índice. Comprovando que a falta de equidade de recursos financeiros entre os estudantes universitários torna-se um fator significativo, afetando seu desempenho acadêmico e suas condições de manutenção da assiduidade nas aulas.

Houve, ainda, indícios de que o mercado de trabalho apresenta forte relação com o processo de adoecimento dos estudantes, no sentido de que esse contexto competitivo exige dos alunos dedicação para garantir que se destaquem, havendo impossibilidades e obstáculos que afetam o desempenho acadêmico como a realização de trabalhos e até mesmo a presença em estágios, ocasionando no estudante frustrações, sentimento de incapacidade e de angústia.

Além disso, ressaltamos que, em muitas ocasiões, a inserção no ambiente de atuação pedagógica é permeada por ausência de experiência por parte dos estudantes. Esse fator pode levar a uma desilusão com a profissão que esse futuro profissional pretende exercer, tendo em vista que as exigências desse contexto podem tornar-se frustrantes para o aluno por muitas vezes não condizer com as discussões vistas no ambiente acadêmico, provocam novos desafios que requerem posturas inovadoras e multidisciplinares.

Tendo em vista que os participantes da pesquisa apresentaram sintomas de adoecimento como: ansiedade, depressão, insônia, cansaço excessivo, TAG, sintomas de TOC e outros, é interessante frisar o pouco conhecimento dos estudantes em relação aos serviços de atendimento fornecidos pela universidade, como também que raramente usufruem desses serviços. A UFAL conta com atendimento relacionado a esporte, psicológico, odontológico, serviços de acolhimento pela PROEST e outros, que estão à disposição dos alunos, no entanto, considerando os relatos dos participantes há pouco conhecimento ou uso desses recursos, fator que sinaliza tanto uma falta de divulgação, quanto problemas que dificultando acesso aos serviços, como apontado em relatos dos participantes.

Por todas estas ideias apresentadas, consideramos que a presente pesquisa é uma contribuição para a comunidade acadêmica do CEDU, no sentido de ampliar a visibilidade e a discussão da temática que se encontra presente nesse contexto. Acreditamos que há muito a ser feito no intuito de buscar a diminuição dos índices de adoecimento entre os estudantes e para a melhora da qualidade de vida dos graduandos durante os anos de academia, afinal, a

universidade está formando os profissionais que irão fazer parte do mercado de trabalho futuro e é relevante que estejam com a saúde mental e física em boas condições para uma atuação significativa.

Ressaltamos que é necessária a realização de um recorte dos estudantes de outros cursos, indo além do Curso de Pedagogia, para que haja um entendimento geral da dinâmica do adoecimento na universidade como um todo. Consideramos imprescindível a realização de ações por parte tanto do CEDU, quanto da UFAL, que abram espaço para ampliar as discussões sobre o adoecimento dos discentes, realização de ações em busca da prevenção do adoecimento discente e do seu agravamento, ampliação da divulgação das ações que visam atender aos estudantes nessa situação e ampliar esse atendimento, de modo a contemplar um maior número de estudantes.

Por fim, acreditamos que outras pesquisas sobre o objeto de estudo devem ser realizadas com a finalidade de ampliar o debate e viabilizar a temática no contexto acadêmico, em específico na UFAL. O adoecimento discente é uma questão urgente que necessita de visibilidade, pois de um modo geral toda a comunidade acadêmica está envolta nesse processo que causa inconsistências do andamento das atividades universitárias dos estudantes. O debate está aberto e almejamos que o ponto de partida tenha sido efetivado de forma dinâmica e científica com os resultados apresentados na presente pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANVERSA, A. C. *et al.* Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: uma reflexão necessária. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 626-631, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadbto/v26n3/2526-8910-cadbto-26-03-00626.pdf>>. Acesso em: 17 de abril de 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod\\_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf)>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (1996)**. Biblioteca Digital da câmara dos deputados. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Censo de Educação Superior**. Notas Estatísticas - 2018. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2018-notas\\_estatisticas.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf)>. Acesso em: 17 de abril de 2020.

CACHOEIRA, D. V. A. C.; et al. Relação do perfil sociodemográfico com o risco de adoecimento por transtornos mentais comum em alunos do curso de enfermagem. In: Revista de Enfermagem UFPE On Line, Recife. **Artigo**. 10(12):4501-8, dez., 2016.

**CASOS DE SUICÍDIO MOTIVAM DEBATE SOBRE SAÚDE MENTAL NAS UNIVERSIDADES**. Brasília: Agência Brasil, 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-08/casos-de-suicidio-motivam-debate-sobre-saude-mental-nas-universidades>>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

**DEPRESSÃO E ANSIEDADE DE UNIVERSITÁRIOS: UM PROBLEMA EM ASCENSÃO QUE PREOCUPA ESPECIALISTAS E INSTITUIÇÕES**. Rio Grande do Sul: GaúchaZH, 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2019/08/depressao-e-ansiedade-de-universitarios-um-problema-em-ascensao-que-preocupa-especialistas-e-instituicoes-cjze96go8034t01pau0l8bbe2.html>>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

FERREIRA, A.L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognitivo e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba, n.36, p. 21-38, 2010, Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf>> Acesso em: 14 de abril de 2020.

FERNANDES M. A. et al. Prevalence of anxious and depressive symptoms in college students of a public institution. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(Supl 5):2169-75. [Thematic Issue: Mental health] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0752>. Acesso em: 17 de abril de 2020.

FONAPRACE/ANDIFES. **V Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais**. Brasília: FONAPRACE/ANDIFES, 2019. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Gradua%C3%A7%C3%A3o-das-Universidades-Federais-1.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

FONAPRACE/ANDIFES. **IV Pesquisa Do Perfil Socioeconômico E Cultural Dos Estudantes De Graduação Das Instituições Federais De Ensino Superior Brasileiras (2014)**. Uberlândia-MG: FONAPRACE/ANDIFES, 2016. Disponível em: <[http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES\\_2014.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf)>. Acesso em: 13 de abril de 2020.

GOMES, J. H. A. et al. Mapeamento das atividades de promoção da saúde e qualidade de vida da UFC: um passo para a prevenção do adoecimento mental de discentes. **Revista encontros universitários da UFC**. Fortaleza, Ceará, v. 2, p.52-81, 2017.

GUIMARÃES, M. F. **Depressão, ansiedade, estresse e qualidade de vida de estudantes de universidades pública e privada**. São Bernardo do Campo, SP: 2014.

LATORRE, A. C. O. **Saúde mental dos estudantes universitários**: qual sua relação com os processos de violência simbólica exercidos pelas instituições de ensino e com a luta por reconhecimento dos discentes no ambiente acadêmico? Vitória: 2018.

LEAL, K. M. et al. Desafios enfrentados na universidade pública e a saúde mental dos estudantes. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n.8, p. 59-69, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1149>. Acesso em: 13 de abril de 2020.

LORETO, G. Saúde mental do universitário. *Neurobiologia*. n. 35, p. 253-276, 1972. \_\_\_\_\_ Sobre problemas de higiene mental. **Neurobiologia**. v. 21, n. 3-4, p. 274-283, 1958.

MENEZES, A. H. N. et al. **Metodologia científica**: teoria e aplicação na educação a distância. Petrolina-PE: Editora da UNIVASF, 2019. 83 p. Disponível em: <<http://portais.univasf.edu.br/noticias/univasf-publica-livro-digital-sobre-metodologia-cientifica-voltada-para-educacao-a-distancia/livro-de-metodologia-cientifica.pdf/view>> Acesso em: 02 de maio de 2020.

NIVEN, J. **Por lugares incríveis**. 1. ed. Brasil: Seguinte, 2015. 336. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-por-lugares-incriveis-jennifer-niven-em-pdf-epub-e-mobi/>>. Acesso em: 07 de maio de 2020

PONTES, F. M. **Ansiedade, estresse, depressão e qualidade de vida**: um estudo com pós-graduandos da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: 2018.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 02 de maio de 2020.

RIBEIRO, S. C. **Uma análise crítica sobre o adoecimento dos graduandos em serviço social da universidade federal de ouro preto**. Ouro Preto: 2018.

RONCAGLIO, S. M. A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, Brasília, 2004, 24 (2), 100-111.

SANTOS, C. P.; SOARES, S. R. Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 22, n. 49, p. 353-370, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1641/1641.pdf>> Acesso em: 15 de abril de 2020.

SANTOS, M. F. **Percurso universitário**: saúde e adoecimento do estudante. Santa Maria, RS: 2018.

SILVA, A.O; NETO. J. L. C. Associação entre níveis de atividade física e transtorno mental comum em estudantes universitários. **Revista Motricidade: revista técnica e científica da Fundação Técnica e Científica do Desporto**, Porto, Portugal, 2014, v. 10, n. 1, pp. 49- 59.

SILVA, É. C.; HELENO, M. G. V. Qualidade de Vida e Bem-Estar Subjetivo de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 4, n. 1, jan. - jun. 2012, pp. 69-76. Disponível em:<<https://www.unifesp.br/reitoria/prae/publicacoes/publi/producao-cientifica-assistencia-estudantil/artigos?download=255:qualidade-vida>>. Acesso em: 16 de abril de 2020.

SONNENHOL, M. E.; COMIOTTO, T. Análise da motivação dos discentes dos cursos de licenciaturas da UDESC/CCT na universidade. **29º SIC UDESC**. Santa Catarina. p. 1-2, 2019.

VENTURA, C. M. **O adoecimento dos discentes na Universidade Federal de Ouro Preto.** Ouro Preto: 2018.

VENTURINI, E; GOULART, M. S. B. Universidade, solidão e saúde mental. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 4, n. 2, p. 94-136, 2016. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/221/pdf>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

VERAS, R. S.; FERREIRA, S. P. A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em Revista**. Paraná, Brasil, n.38,p. 219-235, 2010.

## APÊNCICE

### **QUESTIONÁRIO – Adoecimento Discente no Centro de Educação – (CEDU/UFAL)**

O presente questionário tem como objetivo coletar dados sobre o adoecimento discente no curso de Graduação em Pedagogia, do CEDU/UFAL - Campus A.C. Simões, para subsidiar a pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso das estudantes Steffany Almeida da Silva e Yasmin Allana Lira Rêgo, sob orientação do Prof. Dr. Givanildo da Silva.

OBS.: Este questionário deve ser respondido apenas por estudantes que estão cursando a partir do 5º período do curso de Pedagogia da UFAL (Campus A.C. Simões).

**1. Qual o período do curso que você se encontra?**

- 1.1. ( ) 5º período
- 1.2. ( ) 6º período
- 1.3. ( ) 7º período
- 1.4. ( ) 8º período
- 1.5. ( ) 9º período

**2. Em qual turno você estuda?**

- 2.1. ( ) Matutino
- 2.2. ( ) Vespertino
- 2.3. ( ) Noturno
- 2.4. ( ) Mais de um turno

**3. Em algum momento durante a graduação você já apresentou um quadro de adoecimento?**

- 3.1. ( ) Sempre
- 3.2. ( ) Quase sempre
- 3.3. ( ) Raramente
- 3.4. ( ) Quase nunca
- 3.5. ( ) Nunca

**4. Em caso de afirmação na questão anterior, cite qual transtorno, doença ou síndrome foi apresentada:**

---

---

- 5. Você considera que houve relação entre o quadro de adoecimento e as demandas da graduação?**
- 5.1. ( ) Sempre
  - 5.2. ( ) Quase sempre
  - 5.3. ( ) Raramente
  - 5.4. ( ) Quase nunca
  - 5.5. ( ) Nunca
- 6. Em caso de estar inserido no mercado de trabalho, você considera que esse fator tem influência no seu desempenho acadêmico?**
- 6.1. ( ) Sempre
  - 6.2. ( ) Quase sempre
  - 6.3. ( ) Raramente
  - 6.4. ( ) Quase nunca
  - 6.5. ( ) Nunca
- 7. Em qual classe social você se considera inserido?**
- 7.1. ( ) Alta
  - 7.2. ( ) Média alta
  - 7.3. ( ) Média
  - 7.4. ( ) Média baixa
  - 7.5. ( ) Baixa
- 8. Qual a maior dificuldade que você enfrentou na graduação durante o período de adoecimento?**
- 8.1. ( ) Elaboração e entrega de trabalhos
  - 8.2. ( ) Comunicação com os docentes
  - 8.3. ( ) Assiduidade nas aulas
  - 8.4. ( ) Problemas para realizar apresentações em público
  - 8.5. ( ) Acúmulo de conteúdos
- 9. Você acredita que o quadro de adoecimento pode influenciar no fluxo (padrão ou individual) do curso?**
- 9.1. ( ) Sempre
  - 9.2. ( ) Quase sempre
  - 9.3. ( ) Raramente
  - 9.4. ( ) Quase nunca
  - 9.5. ( ) Nunca

**10. Você já participou ou participa de alguma discussão sobre a saúde mental dos estudantes no CEDU?**

**10.1.**      Sempre

**10.2.**      Quase sempre

**10.3.**      Raramente

**10.4.**      Quase nunca

**10.5.**      Nunca

**11. Você conhece ou já participou de alguma ação ou serviço fornecido pela universidade sobre saúde? (atendimento psicológico, serviços relacionados a saúde física, eventos, extensões, seminários, debates, etc.)**

---

---

**12. Na sua visão, quais são os principais fatores/motivos que podem causar o adoecimento discente?**

---

---

**13. Você já vivenciou algum episódio que causou ou poderia causar adoecimento? Em caso positivo, descreva a ação.**

---

---

**14. Você tem disponibilidade para conceder uma entrevista? Em caso de afirmação, deixe seu e-mail e/ou telefone para contato:**

---

---

## ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O ADOECIMENTO DISCENTE FRENTE ÀS DEMANDAS DA GRADUAÇÃO: uma realidade do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas

**Pesquisador:** GIVANILDO DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 30165020.7.0000.5013

**Instituição Proponente:** Centro de Educação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.964.345

**Apresentação do Projeto:**

No Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, bloco dos estudantes de Pedagogia e lócus da pesquisa, pode-se observar através de conversas com colegas de classe e outros estudantes do curso que o quadro de estudantes que abandonam ou interrompem seu processo de estudos acadêmicos aumenta progressivamente a cada semestre, muitas vezes, ocasionado por adoecimento, seja ele de cunho psicológico ou fisiológico. O objetivo da pesquisa é analisar as demandas advindas da graduação em Pedagogia e como elas podem interferir no adoecimento e na evasão discente. A pesquisa será realizada a partir de uma abordagem qualitativa, tendo como método de pesquisa o estudo de caso. A coleta de dados será realizada com o uso de questionário e entrevistas semiestruturadas.

Hipótese:

O acúmulo de atividades e as pressões acadêmicas, na maioria das vezes, leva ao adoecimento discente, repercutindo nas demais atividades dos estudantes. As muitas atribuições da academia desenvolvem um excesso de fazeres nos participantes, de modo que, grande parte, não consegue dar conta das demandas.

Critérios para suspensão/encerramento da pesquisa:

Desistência das estudantes na conclusão do curso de Pedagogia.

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 3.964.345

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo primário

Analisar as demandas advindas da graduação em Pedagogia e como elas podem interferir no adoecimento e na evasão discente.

Objetivo Secundário:

Investigar os fatores sociais que influenciam no processo de adoecimento dos estudantes do curso de Pedagogia da UFAL;

Descrever as exigências oriundas da graduação em Pedagogia e como elas contribuem para o adoecimento discente;

Refletir sobre a relação docentes e discentes e sua influência no contexto do adoecimento dos graduandos de Pedagogia da UFAL;

Perceber a relação existente entre mercado de trabalho e as expectativas dos estudantes no contexto de sua formação e a sua influência no quadro de adoecimento dos graduandos de Pedagogia da UFAL.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos

Os possíveis riscos e incômodos nesta pesquisa serão inibição diante de um observador, constrangimento pelo fato de estar sendo observado, ter remorsos, lembranças de fatos ocorridos na instituição diante das possíveis questões que serão feitas, bem como possibilidades de vazamentos dos resultados. No entanto essas questões serão vistas com cuidado pelo pesquisador, com a finalidade evitar as ações citadas, por meio de diálogos e observações constantes.

Benefícios:

Contribuir com a divulgação científica acerca da temática em questão, bem como favorecer meios para que os dados da pesquisa sejam elementos para questões de análise, discussão e compreensão dos fatores que estão no processo do adoecimento docente.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia).

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1527936.pdf

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.964.345

carta\_resposta.docx  
 Declaracao\_cumprimentos\_regras.doc  
 TCLE.doc  
 ProjetoTCC.docx  
 Declaracao\_cumprimentos\_regras.pdf  
 Questionário.docx  
 Questionario.docx  
 comprovante\_matricula\_B.pdf  
 comprovante\_matricula\_A.pdf  
 certidao\_Funcional\_CEDU\_UFAL.pdf  
 Cronograma.docx  
 Orcamento.docx  
 ProjetoTCC.docx  
 TCLE.doc  
 Folhaderostoassinada.pdf

**Recomendações:**

1- Informamos que, em virtude do atual cenário devido à pandemia da COVID-19, o pesquisador deve se comprometer a deixar evidente em seu cronograma que só realizará a pesquisa em campo apenas quando possível, respeitando os decretos sobre a pandemia Decretos Estaduais nº 69.529 e 69.530, ambos de 18 de março de 2020 e o Decreto Estadual Nº 69.541, de 19 de março de 2020. Mesmo que a pesquisa de campo esteja prevista para setembro.

2- Reforçar estratégias para minimizar os riscos aos participantes.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pesquisa sem óbices éticos. As pendências foram atendidas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo Aprovado

Prezado (a) Pesquisador (a), lembre-se que, segundo a Res. CNS 466/12 e sua complementar 510/2016: O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado e deve receber cópia do TCLE, na íntegra, assinado e rubricado pelo (a) pesquisador (a) e pelo (a) participante, a não ser em estudo com autorização de declínio;

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 3.964.345

V.S<sup>a</sup>. deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade por este CEP, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata;

O CEP deve ser imediatamente informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É responsabilidade do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas a evento adverso ocorrido e enviar notificação a este CEP e, em casos pertinentes, à ANVISA;

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial;

Seus relatórios parciais e final devem ser apresentados a este CEP, inicialmente após o prazo determinado no seu cronograma e ao término do estudo. A falta de envio de, pelo menos, o relatório final da pesquisa implicará em não recebimento de um próximo protocolo de pesquisa de vossa autoria.

O cronograma previsto para a pesquisa será executado caso o projeto seja APROVADO pelo Sistema CEP/CONEP, conforme Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1527936.pdf	30/03/2020 07:17:48		Aceito
Outros	carta_resposta.docx	30/03/2020 07:17:18	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Outros	Declaracao_cumprimento_regras.doc	30/03/2020 07:16:11	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	30/03/2020 07:15:02	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTCC.docx	30/03/2020 07:14:38	GIVANILDO DA SILVA	Aceito

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 3.964.345

Outros	Declaracao_cumprimentos_regras.pdf	21/03/2020 09:39:07	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Outros	Questionario.docx	21/03/2020 09:38:13	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Outros	comprovante_matricula_B.pdf	19/03/2020 16:11:06	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Outros	comprovante_matricula_A.pdf	17/03/2020 17:58:37	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Outros	certidao_Funcional_CEDU_UFAL.pdf	17/03/2020 17:50:15	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	17/03/2020 17:47:40	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	17/03/2020 17:47:27	GIVANILDO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	17/03/2020 17:46:21	GIVANILDO DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACEIO, 10 de Abril de 2020

---

**Assinado por:**  
**Luciana Santana**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A . C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com